

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO



1290004146

TCC/UNICAMP
Si38m
FE

200921150

SILVIA REGINA MORETTO DA SILVA

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

CAMINHOS DO CONHECIMENTO

Campinas

2008

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

SILVIA REGINA MORETTO DA SILVA

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

CAMINHOS DO CONHECIMENTO

Memorial apresentado como um dos pré - requisitos para conclusão do Curso de Especialização em Fundamentos Científicos e Didáticos da Formação de Professores: Teorias Pedagógicas e Produção de Conhecimento – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas – PROESF – da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

CAMPINAS

2008

UNIDADE.....	F.E
Nº CHAMADA:	TCC/UNICAMP
	Si 33 m
V:.....	EX:.....
TOMBO:.....	41216
PROC:.....	148109
C:.....	D: X
PREÇO:.....	2011,00
DATA:.....	22.08.09
Nº CPD.....	443825

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Si38c	Silva, Silvia Regina Moretto da. Caminhos do conhecimento / Silvia Regina Moretto da Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.
	Orientador : Ana Maria Torezan. Trabalho de conclusão de curso (especialização) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
	1. Identidade. 2. Formação de professores. 3. Conhecimento. 4. Profissões. I. Torezan, Ana Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	08-189-BFE

EPÍGRAFE

(...) decorar vem da palavra latina cor, que quer dizer "coração". Decorar é escrever no coração. O que é escrito no coração passa a fazer parte do corpo: não é esquecido nunca (...)

Rubem Alves, 1999.

DEDICATÓRIAS

Dedico a escrita de meu memorial às pessoas mais importantes de minha vida, minha mãe Lourdes, minha filha Giovanna e meu marido Wanderley, que me proporcionaram tempo e tranqüilidade para que eu me dedicasse às reflexões, no repensar de minha identidade e prática profissional.

SUMÁRIO

1- APRESENTAÇÃO.....	6
2- MEMÓRIAS DA IDENTIDADE	8
3- ASCENDÊNCIA DA PROFISSÃO	37
4- TECENDO RELAÇÕES COM O CONHECIMENTO	49
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
6- REFERÊNCIAS	67

APRESENTAÇÃO

(...) sem uma reflexão sobre a própria prática, esta se torna automática e corre o risco de distanciar-se cada vez mais da realidade mutante da sala de aula (SIMÓ apud TEBEROSKY, 1994, p.59).

A realidade mutante ficou ainda mais clara através da escrita deste memorial. Essa mudança não ocorreu somente na sala de aula, é notória durante toda a vida.

A partir da reconstituição da minha identidade, no primeiro capítulo apresento um exercício reflexivo que me permitiu entender a trajetória que percorri até me formar educadora.

Vivenciei momentos muito significativos que me ajudaram na interpretação do que sou hoje, dos exemplos que me encaminharam para minha formação de educadora, como cidadã e como pessoa pertencente a um grupo social.

No segundo capítulo aponte algumas situações práticas da sala de aula relacionando-as a conceitos teóricos de modo a obter uma maior reflexão. Essas reflexões permitiram uma auto avaliação e despertaram algumas confirmações a respeito da profissão que escolhi.

A profissão escolhida me trouxe e traz até hoje muita satisfação, muito prazer principalmente quando estou em contato com a realidade da sala de aula. Com os estudos realizados no Curso de Especialização da Universidade de Campinas - UNICAMP teve a oportunidade de trabalho com grupos de professores da rede Metropolitana de Campinas.

Estando em sala de aula o “risco de distanciar-se da realidade” é muito menor. Trabalhando com os professores, esta realidade de sala de aula ficou ainda maior.

No terceiro capítulo apresento alguns resultados do trabalho como Assistente Pedagógico de duas disciplinas que me trouxeram muitas oportunidades reflexivas, pois segundo Simó (1994) “a reflexão é a única via para melhorar o nosso trabalho”.

Nas considerações finais deixo registrada a parcela de formação, de conhecimento e de mudança que todo esse projeto me oportunizou.

MEMÓRIAS DA IDENTIDADE

Numa família descendente de italianos nascem quatro filhos, dois casais respectivamente – filha/filho/filha/filho. Crianças que cresceram em sintonia com a natureza e tudo o que ela oferece. Crianças saudáveis, brincalhonas, livres, “arteiras” como quaisquer outras na mesma idade. Eu nasci como a terceira filha do casal.

Inventávamos brincadeiras diariamente utilizando objetos que a própria natureza apresentava sem pedir nada em troca.

Passatempo criado, divertimento garantido para pelo menos algumas horas seguidas. As brincadeiras envolviam corridas, pulos, caminhadas, escaladas, subidas, descidas, andar de gatinhos, rolar em barrancos e outros movimentos.

Num quintal bem espaçoso brincávamos de subir nas árvores frutíferas, balançar em seus galhos, colher frutos quando era época da árvore frutificar; eram várias as espécies frutíferas: figueira, limoeiro, laranjeira, abacateiro, mangueira, jabuticabeira, pitangueira. Degustávamos das mais variadas frutas *in natura*, além de brincarmos muito manipulando objetos naturais de diferentes texturas com muita destreza.

Para explicar o valor dessas brincadeiras livres de qualquer preocupação utilizo-me do texto abaixo que resume em algumas palavras a importância do jogo, da manipulação e da assimilação de mundo.

...em toda sua atividade e, sobretudo, em seus jogos, que ultrapassaram agora os estreitos limites da manipulação dos objetos que a cercam, a criança penetra num mundo mais amplo, assimilando-o de forma eficaz. ...a criança assimila o mundo objetivo como um mundo de objetos humanos reproduzindo ações humanas com eles (LEONTIEV, 2001, p.19).

Entendendo a importância do lúdico posso afirmar que um fator favorável para o nosso desenvolvimento global foi a existência de um muro longo, mais ou menos alto que favorecia nossos impulsos desafiadores, mais uma riqueza desse “quintal mágico”.

Nunca pensávamos nas conseqüências que esse divertimento pudesse causar e *“isso se deve ao fato de que um jogo não é uma atividade produtiva; seu*

alvo não está em seu resultado, mas na ação” (VYGOTSKY, 2001) que era despojada de receios e proibições e raramente causava algo preocupante. Andávamos nele com muita habilidade e rapidez, percorrendo sua extensão em segundos, algumas vezes o utilizava como escada para chegar do outro lado, no terreno do vizinho.

Outro jogo que praticávamos era realizado embaixo de uma parreira de chuchu, imaginando o açougue onde mamãe comprava a carne que consumíamos. Atrás de um balcão de madeira improvisado ficava o vendedor que oferecia: lingüiça – que era o talo do chuchu -; carne moída – que eram as folhas secas trituradas -; bife batido – que eram as folhas verdes batidas com uma pedra -. Esse entretenimento era um dos favoritos, pois estávamos representando uma ação do cotidiano, vivenciada de forma real e “(...) no brinquedo a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua identidade, além de seu comportamento diário: no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade” (VYGOTSKY, 1984, p. 82).

Era exatamente assim que nos sentíamos: verdadeiros adultos, comprando e vendendo.

Fazíamos com muito prazer, criatividade, autenticidade, mesmo sem avaliar o verdadeiro valor apontado por Vygotsky quando se refere ao jogo simbólico.

Esses momentos relatados acima eram compartilhados entre os irmãos e alguns primos que ficavam durante o dia na casa da minha avó, pois morávamos numa casa simples nos fundos do quintal.

Um pouco maiores já arriscávamos brincar na rua com outras crianças, nossa casa ficava numa rua calma, em frente a uma pracinha maravilhosa. Era possível brincar de várias maneiras, pois num grupo maior, outras possibilidades existiam e nossa criatividade mais uma vez era colocada à prova.

O homem significa o mundo, a si próprio (...), por meio da experiência social. Sua compreensão da realidade e seus modos de agir são mediados pelo outro, por signos e instrumentos, isto é, são constituídos pela mediação social-semiótica (GÓES, 2002, p.98).

Essa mediação era verdadeira e acontecia despretensiosamente.

Nossa recreação era pular amarelinha, pular corda, brincar de “queimada”, brincar de “garrafão”, “mãe da rua”, carrinho de rolimã, rodas cantadas e com bola de uma forma mais abrangente, dentre outras. Todos esses jogos eram supervisionados por nossas mães e em alguns momentos por nossos pais que ficavam sentados conversando e observando nossa alegria. Não tinha hora certa para acabar, às vezes brincávamos até às vinte e duas horas.

Nossas mães eram mais presentes em nossas vidas, em nossas “artes”, pois ficavam em casa com vários afazeres como cuidar da casa, das roupas, dos filhos, da vida escolar das crianças. No caso da minha mãe, além de tudo isso ainda costurava para a família e para algumas clientes como uma forma de renda familiar, já que meu pai não tinha uma renda suficiente para prover toda a família.

À mulher dessas décadas eram atribuídas várias funções, menos a de estudar, pois “mulher não precisava de estudo para ficar em casa”. Esse era um discurso machista que eu ouvi meu avô dizendo várias vezes. Minha mãe demonstrava insatisfação com esse preconceito e dizia sempre que, se tivesse oportunidade, estudaria, pois seus pais não puderam oferecer-lhe estudo na época certa.

Incentivava e acompanhava nossa vida escolar nos mínimos detalhes. Como era costureira, fazia nossas fantasias para que pudéssemos participar de todas as apresentações na escola e apreciava com muito orgulho os quatro filhos em todos os momentos que a escola oferecia. Comparecia em todas as reuniões de pais e mestres quando era solicitada a presença dos pais, para acompanhar o desenvolvimento de seus filhos e sempre muito orgulhosa com os resultados e informações.

Em algumas ocasiões não tínhamos todos os materiais que eram necessários, mas nunca faltava o básico que já era suficiente, pois na década de 1970 a tecnologia não havia invadido o meio escolar como agora, o que permitia que os alunos pudessem freqüentar as escolas sem grandes situações de conflitos.

Mesmo com todas essas situações de privação não éramos “alunos da caixa”, como eram chamados os alunos carentes, cujos pais não tinham a possibilidade de oferecer nem mesmo o material básico. Nesses casos, a escola

fornecia, através da contribuição mensal, os itens básicos que facilitavam a permanência do aluno em sala.

Nosso ensino era através do método tradicional; a cartilha Caminho Suave foi a metodologia adotada na primeira série para sermos alfabetizados. Os treinos de coordenação motora eram diários, realizados numa folha de papel pardo, semelhante à utilizada para embrulhar pães na padaria.

Essas folhas eram preenchidas na sala e posteriormente também eram utilizadas para tarefa de casa. A justificativa da professora era que assim ficaríamos com uma letra mais bonita, mais redondinha. Essas atividades se tornavam importantes a partir do momento que a professora dizia que para ter uma letra bonita era necessário treinar muito.

Quem não gostaria de ter uma letra bonita? Utilizando esse argumento a professora conseguia transferir sutilmente para os próprios alunos a responsabilidade do sucesso. Se o aluno não conseguisse bom êxito, a professora se eximia do insucesso alegando que a criança não havia se dedicado plenamente.

Naquela época os familiares respeitavam muito a palavra do professor e as crianças não tinham voz ativa, se houvesse uma reclamação de algo que a criança houvesse feito de errado, os pais repreendiam seus filhos, alguns severamente, outros verbalmente. Com essa atitude às crianças só restava a dedicação, o respeito e a execução das tarefas.

Os movimentos e exercícios motores nas folhas eram os mais variados como o pulinho do coelho, ziguezagues, chuvinha, vôo da borboleta, laçadas grandes e pequenas, ondas, bolinhas, enfim para cada variação existia um objeto inicial estático, desenhado no canto esquerdo de uma folha.

A partir desse desenho que sugeria um contexto imaginário, iniciava-se uma linha de movimento que deveria ser continuada pela criança com a utilização de um lápis até atingir a chegada, onde existia outro objeto também estático que completaria a cena.

As séries iniciais foram marcantes. As professoras que cruzaram minha vida, cada uma à sua maneira, deixaram marcas e influências que foram a motivação para que eu seguisse a carreira de educadora.

Cada professora tinha um sistema de trabalho. Algumas utilizavam cartilhas e seqüências de atividades sugeridas por livros que traziam informações nos mínimos detalhes; outras se utilizavam de anotações bem antigas que serviam como “receitas” infalíveis de sucesso e aprendizagem.

Professoras polivalentes, responsáveis por todo conteúdo e programa de trabalho. Nessa época não existiam professores de áreas como Educação Física, Expressões Artísticas. Essas matérias eram disciplinas comuns no tempo integral de cada dia.

Uma professora que marcou muito em minha memória, foi a professora da 1ª série do Ensino Fundamental que se chamava D. Maria Frizzarim, tinha cabelos grisalhos, óculos, meio gorda, amável, falava baixinho, com muita calma, ela nunca se alterava. Foi uma figura muito importante, sua meiguice me cativava e isso fez com que a figura dessa professora ficasse em minha memória, por esse motivo tomei a liberdade em convidá-la para compartilhar um acontecimento muito importante no qual ela havia influído intensamente. Esse momento era a minha formatura do curso de Magistério.

Esperei ansiosa por sua presença, pois essa seria a ocasião adequada para eu agradecer sua influência em minha decisão profissional. A partir desse fato pude compreender as idéias de Dubar (1995) que diz

... os sujeitos de cada geração reconstroem as suas identidades sociais reais a partir das identidades sociais herdadas, das identidades virtuais adquiridas no decorrer da socialização inicial (primária), e das identidades possíveis assimiladas durante a socialização secundária (apud SCHAFFEL, 1999, p.107).

Sua presença e seu carinho afloraram minhas emoções e me fizeram lembrar de detalhes. Mais uma vez demonstrou-se amorosa em suas palavras, atenciosa em seus gestos me veio à memória sua figura como minha professora

Sentindo-me mais à vontade com a proximidade, a reciprocidade de seu carinho e sua atenção, convidei-a mais uma vez para minha formatura da graduação no curso de Pedagogia, recebeu o convite e mais uma vez compareceu com muito orgulho. Sempre com palavras singelas em tom calmo como quando era minha professora. Os anos haviam passado, mas ela continuava “como antes”. Reportei-me ao tempo em que fui sua aluna.

Depois dessa presença nos tornamos mais próximas ainda, amigas, o que me fez compartilhar com ela meu casamento e novamente ela foi convidada e compareceu gentilmente demonstrando afeição e delicadeza.

Outra professora que cruzou meu caminho e também contribuiu em minha formação através foi a professora da 4ª série do Ensino Fundamental que se chamava D. Maria Aparecida. Seu sistema de trabalho, sua postura profissional sempre muito exigente, brava, usava óculos meio caídos sobre o nariz e olhava por cima dele em algumas situações, não os tirava para nada.

A estratégia pedagógica que ela empregava nas aulas de Português me acompanha até os dias de hoje somando a convivência com esses dois exemplos de professor, posso me referir à alteridade porque "(...) alteridade revela que o que eu sou e o outro é, não se faz de modo linear e único, porém constitui um jogo de imagens múltiplo e diverso" (GUSMÃO, 1999, p.12).

Através do exercício da memória, refletindo e analisando os exemplos de educadoras com que tive contato, fui intensificando minhas ações. Nesse exercício pude entender como elas contribuíram para a construção da minha identidade profissional.

Eu não tinha idéia que a estratégia pedagógica utilizada seria tão importante futuramente, pois acreditava que era apenas uma brincadeira e me envolvia seriamente nela. Somente depois de várias análises teóricas pude perceber essa dinâmica em minha vida.

Voltando ao exemplo da estratégia pedagógica, nessa série tínhamos um livro de textos que trazia somente textos com escrita rebuscada. Diariamente a professora dispensava momentos para a leitura e compreensão do mesmo. A professora solicitava que fizéssemos uma leitura grifando as palavras que não conhecíamos, e, posteriormente, incitava todos os alunos a procurarem os sinônimos das mesmas e fazer as substituições. Instigava a procura dos sinônimos no dicionário e vibrava quando o primeiro aluno conseguia encontrar.

Quando este trabalho estivesse pronto exigia uma leitura individual em voz alta com a substituição das palavras grifadas, mas com um detalhe que nos deixava receosos: não era permitido anotar os sinônimos no texto, deveríamos nos remeter à memória, sem gaguejar.

Essa didática auxiliou principalmente na aprendizagem da utilização do dicionário.

Recordo-me que éramos muito ágeis na procura e ela provocava uma competição que nos deixava aflitos para conseguirmos. A ampliação do vocabulário foi indiscutível. Sabíamos sinônimos de palavras bem complicadas e aprendemos também que, para escrever, podemos “abusar” dos sinônimos para que o texto não fique tão repetitivo e se torne de leitura mais agradável.

Quando se explica de certa maneira, (...) quando se pedem determinados exercícios, quando se ordenam as atividades de certa maneira (...), por trás destas decisões se esconde uma idéia sobre como se produzem as aprendizagens (ZABALA, 1998, p. 7).

Isso só se tornou claro depois que comecei a compreender algumas idéias teóricas.

Lembro-me do primeiro texto do livro que trouxe um título totalmente desconhecido para mim. O título era “Trólebus”. Palavra difícil de ser pronunciada e difícil de fazer uma inferência. No decorrer da leitura o texto trazia a explicação exata do que era um trólebus – veículo de transporte coletivo urbano, que roda sobre pneumáticos, movido à energia elétrica transmitida por cabos aéreos, ônibus elétrico – uma novidade para nosso contexto.

A professora explicou que havia esse meio de transporte na cidade de São Paulo, mas para nós São Paulo era muito distante de nossas vidas. Foi uma leitura tão marcante que jamais esqueci. A professora conseguiu mostrar através dessa leitura que existia um mundo maior do que o nosso, dessa forma ficou claro que

A criança aprende a realizar uma operação de determinado gênero, mas ao mesmo tempo apodera-se de um princípio estrutural cuja esfera de ampliação é maior que a da operação de partida (VYGOTSKY, 2001, p. 109).

Por esse motivo concordo com a colocação de Vygotsky (2001) de que “(...) ao dar um passo em frente no campo da aprendizagem, a criança dá dois no campo do desenvolvimento”.

Posso afirmar que essa aprendizagem me proporcionou estruturas que permitem minhas ações até hoje, e em virtude disso procuro utilizar esses recursos, úteis à minha formação inicial, em minha função como educadora.

Em meio aos estudos, outro elemento que me deixava sempre em harmonia com o meio era o fato de minha família possuir um título do Clube Veteranos, local onde eu podia usufruir das dependências para praticar exercícios esportivos como nadar, dançar, usar a sauna, em companhia de amigos da mesma idade, com as mesmas necessidades.

Freqüentávamos diariamente as dependências do clube. Éramos tão unidos que parecíamos irmãos. Fazíamos quase todas as atividades juntos. Freqüentávamos a mesma escola, estudávamos na mesma classe, nós morávamos muito próximos, o que facilitava nossos encontros diários. Crescemos nesse ritmo rumo à adolescência saudável.

Pré-adolescência é uma fase do ser humano que é sinônimo de conflitos, e, somada ao Ensino Fundamental, que também traz muitas mudanças na vida dos indivíduos, podemos imaginar as ocorrências.

No ginásio, como eram chamadas as séries finais do Ensino Fundamental de hoje, as aulas ficavam mais fragmentadas.

Lembro-me de alguns professores também por suas didáticas de trabalho, mas de uma maneira não tão influenciadora, e procuro não seguir nenhum desses exemplos. Esses professores especialistas em suas disciplinas entravam nas salas de aula e resumiam suas aulas em leitura de livros didáticos, raramente íamos ao laboratório nas aulas de Ciências, não fazíamos passeios para relacionar o que se aprendia ao que existia fora da sala ou da escola.

A professora de História, que utilizava em suas aulas cópia de conteúdos da lousa sem explicações reais, não construía relações entre os acontecimentos, era muito rígida, não tinha um diálogo benéfico e utilizava constantemente um mecanismo de defesa através da repressão: aplicava avaliações para verificar os erros e não a aprendizagem e as notas eram atribuídas em função dos erros e não dos acertos.

... aqui reside uma das chaves pelas quais cremos que resulta difícil modificar os procedimentos de avaliação no ensino: porque não é uma simples conduta técnico – profissional, mas um processo complexo, no qual entram em jogo mecanismos mediadores com fortes implicações pessoais, e dificuldade explicitáveis, em muitas ocasiões, para o próprio professor (GIMENO, 1988, p. 9).

Já o professor de Geografia era o oposto, muito engraçado, divertido. Essa é uma das lembranças que consigo ter dele.

Outro detalhe que não esqueço é que em suas aulas ele não gostava de conversa e o aluno que conversasse recebia pedaços de giz que ele atirava para surpreendê-los. Não se importava onde esses pedaços atingiriam e as conseqüências desse ato e ainda ria da situação.

A professora de Educação Física tinha uma seqüência de trabalho bem organizada, não nos deixava ociosas, preocupava-se muito com as atividades de ginástica sem levar em conta quem tinha habilidade e quem não tinha. As notas eram atribuídas pela participação efetiva, as alunas que não tivessem muita habilidade para desenvolver os exercícios, assim como eu, sempre recebiam notas equivalentes à média conceitual.

A turma era separada por sexo, as meninas ficavam sob a responsabilidade da Professora Maura e os meninos sob a responsabilidade do professor Mário. As atividades também eram diferenciadas. Os meninos tinham maior concentração em atividades de atletismo, como corridas individuais, corridas de revezamento, corridas com obstáculos, saltos em altura e outras atividades utilizando agilidade e força.

Terminando a 8ª série era chegada a hora de escolher o que fazer em relação à continuidade dos estudos. Nessa época de minha vida eu iniciara um trabalho que era de oito horas diárias. Fui convidada para trabalhar como balconista na loja de uma gráfica cujo proprietário era meu professor de Matemática. Ele percebeu que eu estava interessada num emprego e me ofereceu uma vaga. Trabalhei com ele durante o meu curso de magistério e sai para assumir minha primeira sala de aula, cuja experiência detalharei noutro momento.

Voltando à continuidade dos estudos, a escola oferecia o curso de Magistério com duração de três anos em três turnos, e, influenciada pelas professoras citadas acima, resolvi seguir esse caminho. Como eu já trabalhava como balconista na loja de uma gráfica, optei por cursá-lo no horário noturno,

Saía às dezoito horas e me dirigia direto à escola sem um tempo para ir para casa. Alimentava-me da merenda servida aos alunos antes das aulas. Nem sempre a merenda era saborosa, mas não tinha outra opção senão comê-la.

Esse curso me conferiu o direito de atuar em salas de aula das séries iniciais - 1ª à 4ª séries. Para lecionar em Parque Infantil, como era chamada a Pré Escola, seria necessário mais um ano de especialização e essa escola só oferecia essa especialização no período vespertino.

Como havia escolhido essa área de atuação resolvi que faria todos os cursos que surgissem e que fossem necessários para minha formação porque

... assim como os instrumentos de trabalho mudam historicamente, os instrumentos do pensamento também se transformam historicamente. E assim como novos instrumentos de trabalho dão origem a novas estruturas sociais, novos instrumentos do pensamento dão origem a novas estruturas mentais (BERG, 1993 apud VYGOTSKY, 1998, p.177).

Essas novas estruturas dizem respeito à profissão dos educadores, pois os professores encontram várias mudanças no decorrer dos trabalhos e se faz necessária nova adequação dos instrumentos que utiliza para abordagens dos conceitos.

Trabalhando para manter meus gastos e também ajudar minha família, eu não podia estudar no período em que o curso era ofertado, restando-me a única possibilidade de cursá-lo noutra escola na cidade de Santa Bárbara D'Oeste, já que nessa escola o mesmo curso era oferecido no período noturno. Assim aconteceu, e eu percorria a distância da minha residência até à escola de ônibus. Não era muito difícil esta locomoção, mas havia um, porém, na saída, era necessário que eu deixasse a aula uns minutos mais cedo para não perder o último horário do ônibus.

Foi um período cansativo, mas muito gratificante.

Essa formação fazia a diferença e faz até hoje. Muitos professores não cursaram essa especialização e ela é exigida para atuar na Educação Infantil atualmente. Esse aspecto facilita minha atuação numa escola que ofereça esse ciclo de escolaridade.

Terminado o curso me inscrevi na Delegacia de Ensino Estadual para possíveis substituições e fui chamada para assumir uma sala por um período de um ano sem interrupções, substituindo uma professora que estava afastada para o cargo de assistente de direção.

Foi minha primeira experiência e, como tal, foi desafiadora.

Lá estava uma professora recém formada, numa sala de quarta série, de alunos repetentes, alunos com idade avançada, a maioria filhos de caseiros das propriedades, já que era uma escola situada numa área rural, rodeada de chácaras.

Era uma maratona para chegar até o local. Havia uma empresa de ônibus que fazia o trajeto apenas em dois horários diários que não coincidiam com a entrada e a saída dos alunos.

O acesso era por estrada de terra, a prefeitura mantinha um veículo terceirizado para transportar os alunos por morarem em locais de difícil acesso e longa distância. Eu utilizava a mesma forma para chegar e para sair da escola. Em dias de chuva era um perigo, ficamos com o veículo atolado várias vezes sem contar com os incidentes nas caminhadas, pois em alguns dias de chuvas mais críticas o veículo nos deixava um pouco longe da escola.

Mesmo com essas dificuldades minha vontade de fazer a diferença para aquelas “crianças” era muito grande. Motivada pela disposição de estar iniciando, com conteúdos recentes, aquele era o momento de utilizar tudo e mais um pouco.

Durante todo ano desenvolvi didáticas inovadoras que eu mesma criava a partir da realidade que encontrava. Utilizava jogos como forca, onde as crianças/adolescentes podiam arriscar sem medo de errar e ao mesmo tempo iam fortalecendo sua auto-estima.

Preparando as atividades eu recortava de livros didáticos, figuras, desenhos, cenas e pedia que escrevessem o que estavam vendo e a correção era feita individualmente para que não ficassem com dúvidas. Essa atividade permitia que a criança/adolescente percebesse alguns detalhes simples nos enganos que cometiam na escrita e os corrigissem sem traumas.

Os livros didáticos eram recursos ineficientes, meios que já estavam saturados, pois traziam assuntos não pertinentes à realidade deles.

Iniciei um trabalho de trazer para a sala de aula o que era do contexto deles, o que eles faziam e o que não faziam. O que era importante para as pessoas e outros aspectos relacionados à vivência social. Com essa didática evidenciamos valores que estavam adormecidos ou até mesmo não revelados.

Os dias eram surpreendentes, o aprendizado para todos era extraordinário, ao final de nossos trabalhos cada criança/adolescente escreveu uma história, que foi corrigida, e, anexadas a outras, formamos um livro de histórias daquela sala e cada um teve um volume impresso em mimeógrafo.

Posteriormente, de posse do seu volume cada criança/adolescente pode ilustrar as histórias como desejou.

Foi baseada na idéia de que "(...) havendo informação disponível para reflexão sobre o sistema de escrita, os alunos constroem os procedimentos de análise necessários para que a alfabetização se realize" (PCN, 1997, p.84). Posso afirmar que fiz o melhor que pude naquele momento. No final do ano os resultados apareceram, vários alunos que não sabiam ler estavam lendo e vários que tinham uma redação empobrecida, estavam se utilizando da escrita com fluência e eficiência.

Resumindo um pouco a experiência nessa sala, acredito que consegui devolver a esses alunos a dignidade que eles haviam perdido e todos atingiram o nível de alfabetização com sucesso.

Desde o início de minha carreira como docente, trabalho com muita doação, vivo pensando no que posso fazer para melhorar sempre minhas ações e "alcançar" as crianças que passam por mim.

Tenho claro que:

... é o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de "experiência feito" que busco superar com ele. Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a minha coerência na classe. A coerência entre o que digo o que escrevo e o que faço (FREIRE, 1996, p.42).

Mesmo passando por vários momentos de inconstância em meus primeiros anos como professora, por ter sido admitida em regime da CLT e não ter direito à estabilidade na permanência numa mesma sala de aula - não tinha um período determinado, eram substituições eventuais, periódicas, curtas - o que dificultava uma continuidade no trabalho, nunca esqueci das responsabilidades que meu cargo exigia. Por esse motivo eu tinha que estar preparada para atuar em qualquer série quando solicitada.

A primeira e única recomendação que eu recebia era de não mandar alunos para a diretoria, pois a idéia que se tinha era que a “substituta” não conseguia manter a disciplina dos alunos na classe.

Com todas essas recomendações eu passava todo o meu tempo preocupada, procurando desenvolver atividades exclusivas, diferentes, envolventes, interagentes. Muitas atividades eram realizadas em grupos, em trios, mesmo sendo aulas de disciplinas do núcleo comum. Esforçava-me em pesquisar nos livros idéias para abrilhantar as aulas e despertar interesse nas crianças e adolescentes.

Conseguia um bom trabalho, pois o que também ajudava era minha idade. Era jovem, com muita energia, gostava de brincar, aceitava algumas reações espontâneas das crianças, trabalhava com facilidade com agrupamentos em sala de aula.

Esses atributos faziam alguma diferença porque na maioria das vezes eu substituía professores que estavam para aposentar, que eram rígidos em disciplina, com alguns métodos ultrapassados, alunos enfileirados sem poderem conversar e trocar idéias, sem permitir que as crianças olhassem dos lados.

Com esse trabalho de agrupamento as crianças sentiam liberdade na sala de aula o que a princípio me causava alguns dissabores.

Em muitos momentos fui supervisionada em sala, por funcionários que circulavam pelos corredores, quando a porta estava fechada eles batiam na porta para verificarem o que estava ocorrendo para garantir que não havia bagunça na maneira que eu utilizava para trabalhar. Com o passar do tempo fui mostrando que era possível um ótimo trabalho com algumas inovações.

Trabalhando muito e preocupada com minha formação, arrisquei alguns passos.

No ano seguinte prestei o vestibular para o curso de graduação em Pedagogia, curso oferecido pela Faculdade Dom Bosco, que teria duração de três anos, no período noturno. Passei e comecei a cursar.

Essa faculdade era muito próxima de minha casa o que facilitava minha freqüência.

Trabalhando em outras escolas estaduais como professora eventual, substituindo aqui e ali sem vínculo, cursei a graduação com muito empenho.

Na graduação tive contato com disciplinas que davam uma continuidade ao que havia estudado no magistério, dispunha de professores com idéias práticas e outros professores com idéias e didáticas muito repressoras.

Alguns professores controlavam as notas com avaliações, outros controlavam os alunos com pressões numa tentativa de amedrontá-los. Dois deles traziam conteúdos de uma forma bem “antiga” passando na lousa para copiarmos e o outro ditava conteúdos de uma ficha amarelada de tanto uso.

Por esse motivo poucos professores colocavam um tema em discussão, em debate, para que cada aluno demonstrasse o que conhecia do assunto.

Analisando o curso alguns anos depois, pude concluir que as informações que obtive nele não me foram úteis por muito tempo. Percebi isso quando tive nas salas de aula situações práticas conflituosas que não tinham exemplificação teórica para minhas reflexões. Vários momentos eu me senti meio despreparada para criar alternativas que suavizassem esse “abandono”.

Após o período da graduação fiz algumas especializações com duração de um semestre cada uma, especializações que me conferiram o direito de prestar concurso para supervisão de ensino, orientação educacional e diretor de escola. Essas especializações eram opcionais e mais uma vez fiz tudo o que podia para ter um currículo completo.

Terminando toda essa carga horária de cursos e especializações e lecionando temporariamente, apareceu uma nova oportunidade, prestar concurso para professora de Pré-escola Municipal. Aproveitei e no mesmo ano prestei a prova do concurso público municipal. Passei e no início do ano seguinte assumi uma sala de crianças com seis anos. Mais um desafio.

As vagas oferecidas eram longe de minha residência. De ônibus eu levaria quase uma hora no percurso. Para ficar mais fácil reunimos um grupo de professoras recém contratadas que revezavam os veículos para percorrer o trajeto com mais economia, mais conforto e rapidez. Fazíamos um itinerário que passava próximo das residências de cada uma e, assim, dispensávamos menos tempo para chegar às escolas. Ao final do trajeto três professoras ficavam numa escola, e as outras três em outra escola, o que permitia uma maior integração.

Iniciou-se aí uma longa amizade. Éramos professoras recém formadas, da mesma idade, solteiras, sem namorados e estávamos numa fase de dedicação ao trabalho. Em nosso trajeto aproveitávamos para trocar idéias e criar novas didáticas para enriquecer nossas aulas. Havia sintonia, reciprocidade em tudo o que fazíamos.

No trabalho fazíamos tudo, juntas. Nas horas vagas saíamos para nos divertir cada uma com seu grupo. Em meu grupo nossos divertimentos eram os mais diversos. Apreciávamos dançar em “discotecas”, comer uma boa pizza, reunir-nos na casa de alguém do grupo para jogar “Imagem e Ação”, jogo muito divertido que estimulava a criatividade, a parceria, a curiosidade e a rapidez de raciocínio.

Esse jogo existe até hoje com várias versões de idade, é um jogo que reúne desafios que muitos jogos atuais não oferecem. A maioria dos jogos atuais estimula a individualidade, a competição, à repetitividade de movimentos.

Algumas famílias esquecem desses detalhes ao presentear as crianças. Dificilmente analisam o que determinado brinquedo estimula. Vários brinquedos que são proporcionados às crianças estimulam experiências egocêntricas. Uma brincadeira inocente, mas que praticada frequentemente influencia a personalidade da criança. Muitas experiências não são percebidas e acompanham a criança pela adolescência e fase adulta.

Retomando o raciocínio, nosso grupo de amigas educadoras procurava desenvolver atividades que estimulassem o avanço da fase egocêntrica das crianças que estavam sob nosso trabalho pedagógico, através da troca de idéias no trajeto até a escola.

Alguns educadores atualmente já têm a preocupação com certas atitudes que as crianças apresentam quando estão interagindo com um determinado grupo e têm apresentado projetos de jogos interagentes, agrupando crianças, adultos – familiares e pessoas da sociedade – escolas; projetos com objetivos bem claros como exercitar a interação, a cooperação, a amizade, a brincadeira e o divertimento.

Outra tentativa de minimizar possíveis conflitos de interação e oportunizar as relações espontâneas é a idéia do jogo simbólico – que é uma maneira da criança representar diferentes papéis que percebe na sociedade –

essa dinâmica é aplicada com a preocupação de oportunizar momentos, pois as crianças estão perdendo as oportunidades de expressão plástica, corporal, musical e global.

De acordo com Coll (1999)

(...) quanto mais amplo, ricos e complexos forem os significados construídos, isto é, quanto mais amplos, ricas e complexas forem as relações estabelecidas com os outros significados da estrutura cognitiva, tanto maior será a possibilidade de utilizá-los para explorar relações novas e para construir novos significados (p.16).

A construção dos significados envolve brincadeiras como jogo simbólico, onde as crianças têm a oportunidade de vivenciar situações do cotidiano, relacionando com sua própria apreensão de mundo.

A dinâmica de procedimentos oferecida na escola auxilia na construção da identidade, pois torna possível que a criança traga para o concreto várias situações do imaginário e fortaleça sua percepção e relações com o outro.

As atividades interacionais que são desenvolvidas com jogos em grupos permitem aguçar ainda mais nosso trabalho com os alunos em salas de aula, pois trazemos para a prática momentos que privilegiam criatividade, rapidez de reação, interação.

Em alguns momentos a introdução desses jogos é um verdadeiro desafio, pois as crianças estão acostumadas a jogos individuais que envolvem disputa, competição, e uma das razões para essa situação é estarmos envolvidos numa sociedade capitalista que desperta valores e reações que, de uma forma ou de outra, torna as pessoas meio alienadas e a sociedade como um todo mergulha na manipulação no consumo, na competitividade, no personalismo.

São situações conflituosas, algumas pessoas não conseguem perceber a dimensão da convivência grupal. Em determinados momentos é necessário ceder e negociar idéias e argumentos. Enfim é um exercício constante. Assimilar a perda, a derrota é um choque para pessoas que foram acostumadas a ter tudo o que quiseram e nunca precisaram abdicar de algo para outrem.

A participação de crianças ou pessoas em qualquer idade num jogo desencadeia reações diversas. Se não houver um trabalho harmonioso, torna-se uma guerra o resultado.

São esses momentos de ação real ou fictícia que existem no cotidiano de uma sala de aula e até mesmo em convivência na sociedade que fazem as relações amigáveis construtivas ou destrutivas. Mais uma vez a figura do educador deve contemplar algumas intervenções para que criança perceba a real necessidade de compartilhar, socializar, cooperar dentre outros comportamentos relevantes.

Em minha adolescência e juventude eu pude vivenciar esses momentos em família, em grupos de amigos, em atividade profissional, em grupos de atividades distintas com várias pessoas de várias idades. Enfim, procurava estar sempre em sintonia com o bem estar físico e mental.

Raramente eu me sentia estressada, muito cansada e quando isso acontecia conseguia sair dessas situações com muita facilidade. Cantava, procurava alguém para conversar, saía para a casa de alguma amiga e ficávamos horas conversando.

Ludke (1996)

propõe, além da trajetória escolar, a experiência docente com os pólos responsáveis pelo processo de socialização profissional do professor. É no embate entre estes dois pólos – o da formação e o da experiência – que deveriam se situar os estudos sobre a questão da construção da identidade profissional do professor (Apud SCHAFFEL, 1999, p.109).

Concordo com a afirmação de Ludke, pois todos os docentes quando estão engajados na experiência profissional ficam com a sensação de solidão – até mesmo por terem uma carga horária tão extensa – e de não poderem socializar situações conflituosas do dia-a-dia. Esses momentos facilitariam alguns procedimentos para situações que são comuns no cotidiano de qualquer docente.

Acredito que minha carreira profissional só teve esses resultados e me deixa feliz pelo fato de ter percorrido esses caminhos que estou pontuando. Sentia que havia escolhido a carreira que me agradava e me tornava feliz. Podia comprovar isso quando recebia um sorriso de satisfação, de prazer de um aluno quando acabava de enfrentar um desafio com sucesso. Já era o suficiente para confirmar minha escolha.

A partir do momento que meu grupo de amigos e eu optamos em trabalhar durante o dia e estudar à noite durante os dias úteis, começamos a nos distanciar, pois não havia mais o tempo livre diariamente e os interesses profissionais começaram a se diversificar.

Durante a semana cada um desenvolvia sua atividade e aos finais de semana nos reuníamos para sair, dançar, comer algo e muitas vezes nos agrupávamos na casa de uma das amigas que já morava sozinha. Nessas reuniões nós ficávamos até altas horas para uma distração, uns divertimentos. Tudo isso reforçava a cooperação que sempre havia existido entre nós, aproximava mais ainda nossa amizade, fortalecia nossos laços afetivos. Perdíamos a noção de horário, eram noites muito agradáveis e não havia nada que atrapalhasse nosso envolvimento com o lúdico. Ficamos nesse ritmo até que a primeira integrante do grupo começou namorar, depois outra, depois outra, quando vimos já estávamos todas namorando e mudando nossos rumos pessoais.

Iniciei o namoro com um jovem especial, descreverei algumas informações no decorrer deste texto.

Casei-me e, após quatro anos, tive uma filha que hoje já tem doze anos de idade.

No momento presente apenas dois “integrantes” desse grupo são solteiros*¹ os demais já estão casados, com filhos, mas guardam na memória lembranças muito singelas e como a cidade é muito pequena sempre nos encontramos na correria do dia-a-dia planejando um reencontro com todos juntamente com as famílias que constituímos; encontro esse que vem sendo sempre adiado.

Citei essas passagens de minha vida, pois até então tudo nela havia transcorrido sem traumas ou percalços e foi a partir dessa época que percebi o valor de uma amizade sincera, sem interesses, sem malícia, sem maldade. Esses valores são muito raros na sociedade em que vivemos e muitas vezes nos deixam com a sensação de estarmos “velhos” para a atualidade.

¹ Durante a escrita desse memorial um dos amigos solteiros faleceu.

Uma sociedade consumista, egoísta, competitiva, não permitiria relações como as que nós tivemos em nossa adolescência.

Em algumas situações ouvimos vários jargões: “eram outros tempos; não seja saudosista; isso não existe mais; o que passou, passou”. Esses ditos e vários outros que não me vêm à memória nesse momento me fazem refletir sobre questões de existência. Esses valores são tão importantes agora como antes. Quem consegue viver bem, feliz e em paz sem ter valores como princípios de vida?

Aprendi em minha vida o valor de uma amizade sincera, e quando tento demonstrar exemplos à minha filha, percebo que existem muitos valores deturpados, nos dias de hoje. Atualmente ser amigo tem vários significados e variantes, que possuem critérios volúveis.

Os ensinamentos e exemplos que passamos aos nossos filhos são colocados à prova no primeiro instante em que eles interagem com os amigos na sociedade.

Cada família tem uma linha própria de educação, convivência e relação com o meio social e essas diferentes linhas de educação trazem momentos de reflexão contínua em nossas casas, pois colocam em discussões comportamentos desejáveis e indesejáveis das pessoas com quem vivemos e convivemos.

Essas escolhas geralmente são influenciadas ou regidas por religiões que são “herdadas ou escolhidas no percurso das vidas”, são filosofias, crenças, costumes, fantasias próprias de cada grupo cultural.

Posso afirmar que esse aspecto também influencia as crianças em sala de aula diariamente, quando nos deparamos com algumas famílias que afirmam que em sua religião não são permitidas algumas práticas que envolvam músicas, danças, comemorações comuns.

Como devemos proceder em relação a essas diversidades religiosas, para que não interfiram no desenvolvimento global, social e afetivo das crianças?

Essa questão é de suma importância quando assumimos uma postura democrática, imparcial e profissional. O educador tem que levar em conta essas diferenças peculiares e desenvolver um programa educacional que contemple o aspecto pedagógico para que todas as crianças tenham a oportunidade de

participar de todos os momentos que a escola deve oferecer sem sentirem-se excluídas por seus princípios religiosos.

Em contrapartida, de acordo com Trindade (2000), “a formação docente muitas vezes é marcada por uma inculcação de preconceitos que, certamente, corroboram para a produção de maiorias invisíveis e silenciadas, isto é tão forte que nem percebemos”.

Essa atitude profissional deveria nortear a ação do educador na tentativa de não incutir nem influenciar as crianças para sua própria religião e valores, prejudgando comportamentos e atitudes infantis.

Com a opção profissional bem clara e decidida, continuei meu percurso de profissional e estudante, trabalhando e estudando.

Concomitantemente ao cargo na Prefeitura Municipal, prestei o concurso Público Estadual, passei e me efetivei numa escola próxima de minha casa enfrentando concorrências nas escolhas das classes que eram “reservadas” para professoras eventuais, amigas do pessoal administrativo da escola.

Foi necessário provar minha capacidade de trabalho para conseguir meu espaço e meus direitos de efetiva.

Lecionando em dois períodos, com duas classes distintas, passava o tempo todo me dedicando ao preparo das aulas em busca de inovações para atrair o interesse das crianças. De manhã lecionava numa sala de Pré-Escola na Rede Municipal da cidade e à tarde numa sala de quarta-série do Ensino Fundamental Estadual.

Já começava despontar a necessidade de estudar mais um pouco e resolvi cursar Pós-graduação na Faculdade Dom Bosco. O curso era oferecido aos sábados, o dia todo, com a duração de dois anos.

Pela primeira vez eu estava em conflito com minha escolha profissional e utilizo as palavras abaixo para expressar meu pensamento.

Apesar do meu empenho pessoal e do sucesso junto aos alunos **defrontei-me**, (...) com sérios obstáculos (...), pois o professor comprometido, em geral, trabalha muito e seu trabalho incomoda aqueles que querem se acomodar (Grifos meus) FAZENDA, 1994, p.49).

Eu desejava também adquirir outros conhecimentos para tomar uma decisão de desistir ou confirmar minha escolha. Esses conflitos se iniciaram a

partir do momento que comecei a perceber que meus conhecimentos estavam restritos à área educacional, e sentia necessidade de buscá-los em outras áreas.

Fiz a matrícula e iniciei o curso de Gerência de Marketing, sala noventa por cento masculinas em virtude da área de atuação ser preferida por homens.

Estudava muito e conseqüentemente obtinha notas favoráveis foram dois anos importantes para minha vida, pois pude conviver com rapazes, conhecer outras idéias, estudar outras teorias, já que na área da Educação sempre o público feminino imperava.

Na hora da escolha de um tema para desenvolver minha monografia, não tinha conhecimento suficiente para desenvolver um assunto sobre o curso, então optei por um tema relacionado com meu trabalho até o momento. Essa escolha me trouxe muitos aborrecimentos, a professora orientadora descobriu que eu era professora e não aceitava minha escolha de cursar matérias que não se relacionavam com minha profissão. Não entendia minhas razões e dificultou muito o desenvolvimento de meus escritos.

Não consegui desenvolver minhas idéias, tentei fazer e refazer por cinco vezes minha idéia que acreditava ser de suma importância para o momento que estava vivendo em sala de aula.

Havia escolhido o tema “A influência do desenho animado na vida das crianças”. Tinha certeza da interferência que os desenhos animados exerciam no comportamento das crianças e em suas expressões plásticas.

Acabei desistindo da entrega do documento escrito, pois cada vez que escrevia e mandava para correção, a professora solicitava a reescrita total e não direcionava minhas idéias e argumentações. Tentei várias vezes e me desestimulei. Tempo depois encontrei um amigo que havia cursado junto comigo e comentando minha dificuldade na elaboração da monografia, ele me tranqüilizou dizendo que apenas uma pessoa havia concluído o trabalho satisfatoriamente e que os demais também haviam desistido como eu.

Quanto à professora que havia dificultado nosso caminho, foi demitida e substituída por outra que orientava os trabalhos de uma maneira satisfatória. Fiquei feliz, pois havia a possibilidade de retomar meus escritos, mas a felicidade foi instantânea, o período para retomada da monografia era de dois anos e já havia expirado.

Em virtude desses contratempos recebi certificado de Extensão Universitária desse período em todas as disciplinas que havia cursado.

Passando por essas situações, decidi retomar meu trabalho com afinco com uma certeza “não me tornar uma educadora como essa que eu havia enfrentado”.

Para tanto eu deveria me ater à idéia de Gonçalves (1992) de que

(...) o percurso profissional do professor é produto da ação dos seguintes processos: a) crescimento pessoal; b) aquisição e aperfeiçoamento de competência no campo de seu trabalho; c) socialização profissional em termos normativos e interativos (apud SCAFFEL, 1999, p.110).

Aprendi com essa situação que um educador deve ser um facilitador, uma pessoa que auxilia o educando intervindo em seu desenvolvimento de maneira a auxiliá-lo a desenvolver ações próprias para interagir com o mundo e principalmente com o meio, a partir do que já adquiriu anteriormente em suas interações sociais, conforme é expresso no conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD)^{2*} que nos é apresentado por Vygotsky em seus estudos.

Seguidamente, já me interessava por duas áreas, Educação e Marketing, e fui informada através do jornal da cidade que uma empresa de São Paulo estava selecionando pessoas para trabalhar com *tele-marketing*.

Muito curiosa e incentivada por pessoas muito próximas, resolvi comparecer ao local para obter informações do que se tratava. Meu interesse era apenas satisfazer minha curiosidade, já que eu trabalhava em dois períodos – matutino e vespertino - como professora.

Apresentei-me no último dia e último horário, as entrevistas já haviam se encerrado, mas o gerente me atendeu com muita simpatia.

Questionou vários aspectos como de praxe numa entrevista de emprego, em meio aos questionamentos o telefone soou, o gerente educadamente pediu licença para atendê-lo e como precisava anotar uma relação de objetos solicitou que eu o fizesse.

² ZPD é o lugar onde, graças aos suportes e à ajuda dos outros, pode desencadear-se o processo de construção, modificação, enriquecimento e diversificação dos esquemas de conhecimento definidos pela aprendizagem escolar. ONRUBIA, 1998, p.128.

Anotei resumidamente a lista o que o impressionou, comentou sobre minha rapidez e habilidade em anotar recados e disse que estava precisando de uma pessoa prática para ficar encarregada da parte administrativa da filial.

Minhas justificativas da impossibilidade de horário não o convenceram, ele apresentou uma proposta para que eu ficasse com esse compromisso em duas noites com horários de quatro horas semanais.

Que proposta tentadora! Solicitei um tempo para ponderar, conversar com meus familiares e decidir o que faria.

Meus familiares me auxiliaram na decisão apontando as dificuldades que eu enfrentaria, pois minha profissão de professora não se restringia somente a dar aulas e sim a prepará-las antecipadamente, avaliá-las posteriormente, participar de reuniões, convocações de comemorações extras à carga horária e outros compromissos.

Levei em consideração todos esses aspectos, mas não me convenci que a decisão mais acertada era a de não aceitar a proposta. Eu continuava muito curiosa e a idéia de ficar encarregada pela área administrativa da filial me deixava ainda mais atraída, pois meu leque de aprendizagem abriria um pouco mais.

Examinei minuciosamente meus horários, minhas obrigações, refleti levando em conta outros aspectos como: mesmo assumindo meus compromissos como professora me restava algumas noites livres, pois eu não tinha nenhuma responsabilidade com os afazeres domésticos.

Com esses argumentos meus familiares resolveram me apoiar na decisão de aceitar a proposta e iniciar essa nova função.

A partir dessa decisão minha vida tomou outros rumos em relação à parte afetiva, emocional, pessoal.

Iniciei meus trabalhos da forma combinada e tudo corria bem em relação às atribuições que havia assumido tanto nas escolas como no escritório.

Posteriormente fui compreendendo a insistência em minha contratação.

Tempo depois o gerente confessou que acreditava em “amor à primeira vista”. Ele ficava durante a semana num hotel na cidade de Santa Bárbara D’Oeste e aos finais de semana voltava para São Paulo onde morava com a família. Cansado do hotel resolveu estudar um convite de um dos gerentes de

outra filial em permanecer num apartamento de sua propriedade que estava fechado num condomínio da cidade.

Antes de aceitar me pediu informações sobre esse condomínio e a primeira coincidência apareceu. Muitas outras se sucederam e me despertaram para uma situação que eu não havia percebido.

Eu morava nesse condomínio, no mesmo prédio que seu amigo lhe emprestaria o apartamento para morar. Outra coincidência, o apartamento que lhe era oferecido era vizinho ao de minha família.

Ficamos mais próximos, pois como era sozinho freqüentava minha casa para um chá à noite, conversar com meus familiares e foi construindo uma intimidade com todos da família.

Não vou me prolongar mais com esses detalhes, mas ele é meu marido há dezesseis anos, temos uma filha e mantemos nossa felicidade com a mesma empolgação de quando nos conhecemos, é claro que nesse período tivemos vários contratempos que nos fizeram refletir nossa vida conjugal.

Minha vida mudou de rumo como disse anteriormente, pois quando o conheci ele já era deficiente, apresentava deficiência física por ter contraído Poliomielite aos dois anos de idade. Para se locomover ele utilizava Muletas Canadenses, utiliza também aparelhos ortopédicos nas pernas.

Nós enfrentamos vários preconceitos com essa união.

Os preconceitos foram os mais variados possíveis e inacreditáveis também. Pessoas que têm uma concepção de deficiência que nos remete aos primórdios na história da deficiência.

Historicamente a deficiência foi entendida de muitas formas e essas concepções foram construindo um percurso favorável, mas nas palavras de (OMOTE, 1994) "(...) determinadas diferenças às quais foram atribuídas determinadas significações de desvantagem e que levam os seus portadores a serem desacreditados socialmente", influenciam até hoje a ressignificação do conceito de deficiência para muitas pessoas, deixando transparecer os preconceitos.

O preconceito existe na esfera das relações e é muito abrangente. Só passamos a ter conhecimento de comentários preconceituosos quando alguém ou alguma pessoa tem a coragem de externar o que pensa, colocando suas idéias

claramente, permitindo um diálogo aberto sobre situações que ficariam ocultas de outra maneira.

Quando comecei conviver com meu marido iniciei uma nova fase, fase de análise de problemas e situações que ele vivenciava nos locais que freqüentávamos. Tive as primeiras experiências como acompanhante de um deficiente e a percepção de como o mundo que vivemos não permite que as pessoas deficientes tenham acessibilidade.

Meu marido é um deficiente “privilegiado” – como ele mesmo diz - cresceu numa família que o fez uma pessoa “normal”, batalhadora, conhecedora de seus direitos, não se intimida diante das dificuldades, reivindica, por onde passa, seus direitos, sempre alertando as pessoas deficientes como ele que não tiveram oportunidades como ele teve.

Reflitamos a seguinte idéia de Omote (1994)

As reações apresentadas por pessoas comuns face às deficientes não são determinadas única nem necessariamente por características objetivamente presentes num dado quadro de deficiência, mas dependem bastante da interpretação, fundamentada em crenças científicas ou não (...).

Foi avaliando minhas reações e a partir dessa convivência que comecei a refletir sobre muitas crianças deficientes que passaram por mim em minhas salas de aula, o que eu havia feito e principalmente o que eu não havia feito por elas. Deparei-me com inúmeros casos de inclusão em várias séries que havia lecionado sem me dar conta de que já estava auxiliando na tão falada “inclusão” desde o início de minha carreira.

Vou descrever algumas experiências a seguir, pois nesse momento percebi e acredito que estou no caminho certo já faz algum tempo.

Em meu segundo ano como professora na sala de aula que lecionava, havia uma criança com uma doença no fundo do olho que era oriunda de um problema de toxoplasmose (infecção causada por protozoário que pode ser congênita ou adquirida - a forma congênita acomete o sistema nervoso central e, também, causa coriorretinite...) congênita.

Auxiliei também na inclusão de uma criança que apresentava nanismo. Momento difícil, pois nossa escola não tinha as adaptações elementares para que

ela utilizasse as dependências físicas da escola com autonomia. Foi necessária muita argumentação, paciência e conscientização da necessidade de providências rápidas, mas conseguimos.

Para incluir todas as pessoas, a sociedade deve ser modificada, devendo firmar a convivência no contexto da diversidade humana, bem como aceitar e valorizar a contribuição de cada um conforme suas condições pessoais (PCN, 1999, p.18).

Outra criança marcou minha carreira de educadora. Esta tinha várias dificuldades de interação com o grupo, de se expressar verbalmente, de permanecer numa sala de aula por muito tempo, de ficar longe da mãe, havia nascido com atraso mental e lábios leporinos. Foi uma batalha para que ela permanecesse em sala e mesmo assim a mãe resolveu tirá-la da escola por não ter muita paciência no processo de adaptação.

Freqüentou também uma sala de pré-escola, onde eu era a responsável, uma menina deficiente auditiva e realmente eu não soube o que fazer para ajudá-la, ela se rastejava pelo chão, emitia gritos altos a qualquer hora, jogava tudo o que tinha nas mãos e eu não sabia como me comunicar com ela, até que a coordenadora da escola chamou os pais, e disse que não estávamos preparados para auxiliar a filha do casal e indicou uma escola regular que possuía professores especializados para deficientes auditivos e foi o que os pais fizeram, transferindo-a para lá.

Hoje entendo que seja necessário

... redefinir o papel do professor assumindo que o sistema de ensino atual é uma entidade diferente do que era há vinte anos atrás e que essa é uma idéia importante a ser difundida junto aos pais, à administração e à sociedade no seu conjunto (GIESTA, 2001, p.32).

Posso afirmar que hoje eu teria outra postura diante desses casos de inclusão escolar.

Minha postura em sala de aula era cuidadosa e ao mesmo tempo procurava fazer com que a criança participasse das atividades como podia.

Mesmo não tendo uma formação específica em lecionar para esse tipo de necessidade educacional especial, eu já dava os primeiros passos em direção à inclusão que é tão "discutida" atualmente.

Outro caso foi uma menina Deficiente Visual total – esse caso foi desafiador. Como é muito recente, pude contar com acompanhamento do CPC (Centro de Prevenção à Cegueira) mantido pelo *Lions de Americana*, onde tive a oportunidade de aprender Braille, já que ela estava alfabetizada e utilizava esse sistema de escrita para se comunicar.

Gostaria de me ater um pouco nesse caso, pois foi uma oportunidade de aprendizagem incondicional.

(...) com o apoio de informações teóricas sobre as características (...) da deficiência e usando sua capacidade de análise reflexiva, o professor deve buscar identificar, nos fatores implicados em cada situação, aqueles que agem como “combustíveis” (...) para a resolução das situações (grifos meus), (WALON, apud GALVÃO, 1995: 105).

Exatamente dessa forma, iniciei minhas observações e análises, pois todos os dias Sandra – nome fictício - demonstrava um detalhe, uma particularidade, uma felicidade, um entusiasmo que muitas pessoas “videntes” não têm.

As adaptações para que ela participasse das atividades eram pensadas anteriormente, não podíamos esquecer que ela enxergava com as mãos, então tudo tinha que ser em alto relevo, material o mais próximo do concreto possível, instruções claras e ao mesmo tempo com cuidado para que ela não se assustasse.

Vou descrever uma situação que ela entrou em conflito: quando estávamos trabalhando o projeto “Animais Aquáticos”, eu lia algumas descrições em livros, revistas, e ela permanecia sempre atenta, de repente alguma criança comentava algo que dava a entender que o animal estava em sala – ela entrava em pânico e demorava a se acalmar.

Outro momento que não podemos prever que é difícil para os deficientes visuais, e acontecia com muita freqüência, é o momento que várias crianças acabam uma atividade, as demais continuam até terminar; a professora começa agrupar os que acabaram cantando alguma música para que os demais terminem sem pressa. Ela entrava em desespero pensando que iria perder algo, começava a chorar dizendo “eu não quero perder nada”, por mais que eu tentasse

explicar que estava apenas agrupando as crianças, esse momento para ela era muito real.

Enfim teria muitos exemplos para descrever e adoraria fazê-lo, mas são exemplos que comporiam um livro. Quem sabe...

Senti a necessidade de compartilhar essas experiências, pois acredito que são poucos os momentos e oportunidades que as pessoas têm de vivenciar algo tão rico.

Tive também uma criança com deficiência física, quadro muito semelhante ao de meu marido, uma criança que utiliza Muletas Canadenses para se locomover. Quando iniciou o ano comigo não gostava de participar de nada, se privava de várias experiências principalmente de expressão corporal e plástica.

Acredito que fiz uma pontinha de diferença em sua vida, fui exemplificando para ele como meu marido fazia para participar de tudo, a princípio ele ficou pensativo e depois foi interagindo com a turma, no início do segundo semestre ele dispensava a estagiária que o auxiliava em tudo e só queria sua presença quando não conseguia fazer algo sozinho.

Achei muito interessante e até me senti satisfeita quando a estagiária me procurou reclamando que a criança não queria mais sua ajuda nem no parque. Ela não acreditava e disse: "Pode isso?", "Estou me sentindo excluída". Eu respondi que pode sim, que ele estava demonstrando autonomia e confiança em si mesmo e esse era um momento que ele tinha que viver desde pequeno, para ter a oportunidade de se conhecer e conhecer suas possibilidades.

A adaptação foi apenas às atividades de expressão corporal, ele é uma criança que se sobressaía em várias áreas do conhecimento, já estava alfabetizado, interpretava histórias, relacionava o que ouvia com o que comentava...

Atualmente tenho em minha sala de aula uma criança com Paralisia Cerebral com comprometimento bilateral do lado direito e estamos descobrindo juntos como podemos nos entender em relação à ajuda ajustada para que ele utilize todos os espaços e materiais da maneira mais eficiente.

Eu teria muitos exemplos também para descrever, mas vou me fixar nesses comentários acima.

Foi muito importante essa retrospectiva da minha vida e carreira. Já havia parado para pensar nisso, mas não com tantos pormenores. A partir dessa análise chego a pensar como mudei desde o momento que iniciei o exercício dessa atividade como profissão.

Esse aspecto não tem efeito de estagnar, pois "(...) competência, envolvimento, compromisso marcam o itinerário *de qualquer* profissional que luta por uma educação melhor, afirmando-a diariamente" (FAZENDA, 1994, p.4).

ASCENDÊNCIA DA PROFISSÃO

Como já me referi anteriormente, sempre me dediquei muito em tudo o que fiz e faço, procuro me manter atualizada em fatos, programações televisuais, notícias de jornais, filmes, músicas. Como mais uma maneira de me aproximar das crianças e de todas as pessoas que cruzam meu caminho e entender um pouco como elas utilizam seus momentos fora da sala de aula, no lazer, na vida em sociedade.

Podemos observar que os momentos de lazer de que as pessoas dispõem em sua maioria são dispensados em programas televisivos, oportunizando a invasão da mídia com tudo o que ela oferece desde produtos de consumo, cenas que instigam comentários e discussões, às vezes deixando a família sem oportunidades de diálogo.

Todos esses mecanismos da mídia impressa ou falada estão invadindo nossas casas, nossas mentes e nos envolvem em situações conflituosas muitas vezes sem nossa total percepção. Faz-se necessário uma interpretação crítica de tudo o que nos cerca, para não desempenharmos o papel “de seres passivos” que muitos setores desejam, permitindo assim a manipulação de idéias sem poder de argumentação.

Compreendo que o educador tem um papel muito importante na vida das crianças, e através do trabalho pedagógico, nós educadores podemos fazer com que a criança perceba que a forma de utilização dos meios de comunicação e das informações que recebemos deles deve ser pensada, refletida e não só absorvida, deglutida.

Nesse aspecto, só é possível o educador desempenhar um papel crítico se ele estudar muito, conversar mais ainda, ouvir outras idéias, discutir diferentes pontos de vista, enfim o educador precisa ter uma participação ativa na sociedade, compreender que a imparcialidade deve ser sua parceira quando estiver à frente de uma discussão, pois tudo o que o professor fala exerce uma grande influência na decisão de uma criança.

Pensando assim, desenvolvo um trabalho sempre pautado em objetivos coerentes que permitam resultados satisfatórios. No decorrer do processo eu avalio as reações das crianças, mudo o percurso quando percebo a

necessidade de adaptações, sempre tomando cuidado para que o rumo não se torne incompatível com a concepção que temos.

Fico à vontade para dizer: “a concepção que temos”, pois acredito que ninguém transforma nada sozinho. Acredito que estamos numa sociedade e cada um tem um papel nela. É necessário que eu tenha a capacidade de aceitar a presença do outro, as idéias do outro, entender as argumentações, ponderar as minhas e tornar o processo de construção mais elaborado.

Foi com esses critérios que desenvolvi meu trabalho e desenvolvo até hoje. Meu trabalho sério e comprometido foi reconhecido por um grupo de pessoas que fazem parte da equipe pedagógica da Secretaria de Educação Municipal de Americana, que supervisionam e avaliam constantemente toda o grupo de educadores.

Essa mesma equipe pedagógica teve a atribuição de divulgar para os educadores da rede municipal algumas informações e recrutar entre os interessados uma equipe para atuação no **PROESF** (Programa Especial Para Formação De Professores Em Exercício Na Rede De Educação Infantil e Primeiras Séries Do Ensino Fundamental Da Rede Municipal Dos Municípios Da Região Metropolitana De Campinas) programa firmado com a Unicamp ofereceria um projeto que seria desenvolvido com a universidade e todas as cidades da Região Metropolitana de Campinas que haviam aderido ao projeto.

Os profissionais interessados deveriam enviar o currículo à Secretaria Municipal para uma análise de documentos e avaliação. Essa avaliação seguiria os seguintes critérios: avaliar o bom desempenho profissional dos últimos anos, educadores com dedicação exclusiva à educação pública municipal de Americana, que possuíssem currículo destacado, candidatos com alto desempenho nos estudos acadêmicos e que possuíssem cursos de pós-graduação, mestrado ou doutorado em Educação.

Fiz a inscrição enviando meu currículo e fui selecionada dentre um número significativo de inscritos. Junto com um grupo de 17 educadores, fui chamada na Secretaria Municipal de Educação, onde a equipe pedagógica nos explicou todo o processo que viria a seguir, e, posteriormente fomos encaminhados para o exame de seleção na Unicamp.

No dia marcado a Secretaria de Americana disponibilizou uma condução para levar todos os educadores para a primeira reunião. Nessa reunião iniciamos o primeiro contato com o projeto e não tínhamos idéia da dimensão do mesmo.

Nosso grupo iniciaria o Curso de Especialização em Fundamentos Científicos e Didáticos da Formação de Professores: Pedagogia Inclusiva e Política de Educação com a carga horária intensiva de estudos de oito horas diárias, com leituras em casa e a confecção de trabalhos em várias disciplinas.

Seríamos orientados pelos professores doutores da Unicamp integrantes do projeto, utilizando técnicas, recursos e procedimentos teóricos adequados e através dessa formação a equipe selecionada poderia lecionar para professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental das redes municipais que faziam parte do convênio estabelecido com a Unicamp.

Nessa reunião também recebemos o comunicado de que em nossa avaliação, a equipe de análise detectou a área de atuação de cada um e acomodou-nos em módulos de disciplinas que condiziam com nossas aptidões. Comunicou-nos também que se alguém pretendesse mudar de módulo só poderia fazê-lo após o início das aulas mediante permuta.

Tudo resolvido a equipe de educadores retornou à cidade para acertar os últimos detalhes. Cada educador seria afastado de suas funções na unidade de ensino, sem prejuízos de salário no período do curso, o transporte correria por conta de cada um, a sala receberia uma educadora substituindo as mesmas funções, o educador afastado assumiria o compromisso verbal de não se demitir da secretaria até o término do programa.

O Curso de Especialização tinha como um dos objetivos formar educadores para posteriormente virem a atuar como Assistentes Pedagógicos (AP) responsáveis pela formação de professores em exercício da Rede Metropolitana de Campinas que não tivessem formação em Pedagogia. A princípio a idéia pode parecer confusa demais, mas é muito simples, nós educadores, nos tornaríamos estudantes desse curso de especialização por um período de aproximadamente quatro meses e meio, com oito horas de aulas por dia, e posteriormente atuaríamos como AP, ou seja, educadores dos professores que cursariam o Curso de Pedagogia do PROESF.

O projeto de formação para o curso de especialização era composto por três módulos com oito disciplinas cada um com ênfase nos seguintes aspectos:

- a) Organização do Trabalho Docente;
- b) Pedagogia Inclusiva e Política de Educação;
- c) Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento.

Cada disciplina teria um período de aproximadamente um mês para os trabalhos com intensa carga de leitura e resenhas dos textos para debates, vídeos, estudos de casos, trabalhos práticos e trabalho de conclusão da disciplina.

Iniciamos nosso percurso de “alunos”, dedicando oito horas de estudo concentradas diariamente na universidade e outro período em casa para leitura dos textos e demais compromissos. Os textos trabalhados eram pertinentes ao contexto de cada disciplina e todos os professores/doutores orientadores tiveram a preocupação de oferecer bibliografia atualizada sobre o assunto.

Cada matéria de ensino apresentou um conteúdo que nos remetia à nossa prática pedagógica em sala de aula, de forma que poderíamos exemplificar a teoria que estudávamos.

Os professores/doutores tinham várias atribuições, uma delas a de orientar os APs durante a oferta da disciplina, no decorrer do programa, com encontros semanais e/ou quinzenais, dependendo da necessidade do grupo.

Os trabalhos diários na universidade em cada disciplina envolviam estudos teóricos, análise de conceitos, produções em equipe e individuais, discussões e reflexões.

O módulo de disciplinas que a equipe da UNICAMP indicou mais próximo à minha aptidão e atuação foi: “Cultura Inclusiva e Políticas de Educação” que compreendia as disciplinas acima citadas.

Descreverei brevemente algumas informações discutidas em cada disciplina que permitiram situar a prática em função da teoria, relação delicada para quem se envolve muito com a prática e não exercita a teoria.

Na disciplina Educação Não Formal, oferecida pela Prof^a. Dr^a. Maria da Glória Ghon, realizamos a trajetória dos movimentos sociais e a contribuição dos mesmos para a sociedade.

Na disciplina Temas Transversais, articulamos a interdisciplinaridade utilizando o método criado pelo Prof. Dr. Ulisses de Araújo que dirigiu essa disciplina.

Esse método consiste na articulação dos conteúdos pedagógicos entre as disciplinas da grade curricular do ensino fundamental. Aplicando esse método percebemos claramente que é possível a interdisciplinaridade na prática e as discussões e abordagens se tornam mais coesas e coerentes.

A disciplina Avaliação, trabalhada pelo Prof. Dr. Luiz Carlos de Freitas, permitiu ao grupo de alunos a análise do conceito de avaliação no contexto histórico, as influências dos programas de governo no processo de construção desse conceito, os processos de avaliação em massa, seus resultados e repercussão.

Na disciplina Educação das crianças de zero a seis anos, a Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Goulart apresentou a trajetória histórica dos cuidados com a infância abordando os modelos das primeiras escolas: residenciais, institucionais e a construção dos conceitos de infância, creche, escola.

Conhecemos o projeto da Escola Régio Emilio, da Itália, através de um vídeo apresentado pela Prof^a. Dr^a. Ana Goulart, que nos demonstrou um método de trabalho diferenciado com ênfase no lúdico, esse vídeo expõe resultados diferenciados de avaliação através de portfólios individuais.

A disciplina de Pesquisa Educacional foi ministrada por duas docentes: Prof^a. Zélia do Amaral e Maria Helena. Analisamos dois métodos de pesquisa, dados estatísticos, aplicamos alguns exemplos na prática, utilizando a teoria. Exercitamos diferentes olhares e seus objetivos, aprendemos que para uma pesquisa obter um resultado próximo do real é necessário realizar recortes da realidade, para uma maior concentração dos dados de análise e das informações. Através do livro ZOOM, de Stivan Banyay, que contém apenas figuras que têm o efeito de se afastarem e revelar detalhes demonstrando um zoom nas figuras, refletimos as situações que nos apresentam de forma confusa e não nos deixam perceber todo o contexto.

Em Multiculturalismo e Diversidade Cultural, a prof^a. Dulce Maria Pompeo de Camargo trouxe à tona toda a sensibilidade necessária para revermos

nossos conceitos e preconceitos em relação à diversidade que existe na sociedade, no Universo.

Vou me ater um pouco mais nessa disciplina, pois foi uma das escolhidas para meu trabalho como AP. O conteúdo, os textos, os vídeos, as dinâmicas proporcionaram momentos de análise e reflexão coletiva e individual que contribuíram para enriquecer nossos argumentos teóricos.

Um momento que me marcou muito foi a leitura de vários teóricos apresentando suas idéias sobre identidade. Cada escritor apontava um tipo de identidade de acordo com o viés que havia pesquisado.

Assim pude relacionar minhas identidades, sem medo de multiplicar-me, mas sim com tranqüilidade de entender e revelar cada identidade que assumo dependendo do contexto que estou inserida.

As idéias que mais auxiliaram em minha auto análise foram primeiramente as idéias de Schaffel (1999) que diz "Identidade individual exige ser igual aos outros e distinta dos outros".

Percebemos esse aspecto nitidamente quando nos aproximamos de grupos de pessoas que têm algo em comum conosco e nos afastamos quando detectamos algo que não compactuamos em determinados comportamentos, reações, preferências em outras pessoas.

Erickson (1972) afirma

(...) que a identidade social não é transmitida de uma geração para outra. Ela é construída por cada geração com base nas categorias e posições herdadas pela geração precedente, mas também, por estratégias identitárias desenvolvidas nas instituições, por onde passam os indivíduos (apud SCAFFEL, 1999, p.109).

O exercício de análise que realizei trouxe à baila uma série de evidências que reafirmaram o meu "eu".

Na construção da identidade profissional, que integra o quadro das identidades possíveis, as categorias que dizem respeito à formação, às esferas do trabalho e a do emprego constituem os domínios de referências dos indivíduos para si mesmos (Ibidem, p.108).

No momento em que iniciamos a articulação entre o “eu social” e o “eu profissional” damos os primeiros passos para nossa ação e atuação nos diversos contextos.

As interpretações, relações, discussões realizadas em função da construção de nossa identidade foram importantíssimas para a compreensão de nós mesmos, pois só podemos entender os outros se conhecermos a nós mesmos.

Tivemos vários momentos de discussão e leitura de textos teóricos que permitiram uma análise de situações de sala de aula, trazendo o fortalecimento da prática baseada em teoria. Essas situações partiam desde um simples olhar preconceituoso, comentários maldosos, comportamentos do cotidiano que passam despercebidos no dia-a-dia e muitas vezes fazem a diferença para quem os ouve, sentem, vivenciam.

O conteúdo trouxe também análises de situações discriminatórias de vários aspectos sociais, culturais. Percebemos que a discriminação está exacerbada. Generalizando, sempre há uma pessoa passando por discriminação em relação aos atos, expressões verbais, demonstração de indiferença, em certos momentos da vida e muitas vezes as pessoas que cometem os atos discriminatórios o fazem tão naturalmente que nem percebem o mau que estão causando para si e para o próximo.

A diversidade, outro assunto analisado, se apresenta em diversos modos como, raça, etnia e gênero envolvendo os aspectos políticos, sociais e culturais.

O trecho da letra da música Miséria nos permite uma reflexão sobre a diversidade:

Miséria é miséria em qualquer canto. Riquezas são diferentes.
Índio, mulato, preto e branco.
Miséria é miséria em qualquer canto (...)
(...) cores, raças, castas e crenças. Riquezas são diferentes. (Arnaldo Antunes, Sergio Britto e Paulo Miklos)

A diversidade cultural é uma riqueza que possuímos e muitas vezes não sabemos utilizá-la de maneira favorável ao crescimento individual e coletivo. Se observarmos bem uma sala de aula veremos que as diferenças são evidentes

e podemos nos beneficiar delas como vantagem; dessa forma o trabalho pedagógico passa a ter outro sentido.

A primeira idéia que nos ocorre é a da diversidade do alunado, entendida como vantagem para o trabalho pedagógico, se ela for valorizada pelo educador. Sendo o aluno o mais importante e significativo recurso existente nas salas de aula, quanto mais diversas forem suas características e manifestações, tanto mais os processos educativos vão se aprimorando como consequência da diversidade de capacidade, interesses, ritmos e estilos de aprendizagem que os alunos e alunas manifestam (CARVALHO, 2000, p.112).

Esse rico processo educativo fica evidente quando agrupamos um número de crianças numa mesma sala de aula e articulamos os conhecimentos de uma forma pluricultural.

A situação conflituosa que os educadores encontram é entender todo o potencial que cada criança/adolescente já traz consigo - que é uma bagagem cultural construída em sociedade - e utilizar-se dessa construção identitária de maneira favorável, agradável, interessante.

A disciplina de Multiculturalismo me forneceu um grande cabedal de conhecimento, provocando análises mais críticas de momentos e ações reais ou fictícias, que encontramos cotidianamente.

A disciplina de Educação Especial ministrada pela Prof^a. Dra. Ana Maria Torezan também oportunizou vários momentos de crescimento. As abordagens, discussões, pesquisas, palestras com pessoas especializadas nas áreas de deficiência, demonstraram quão amplo e desconhecido é o trabalho com pessoas deficientes.

Apreciamos a trajetória histórica e contextual da pessoa com deficiência e as transformações do conceito de deficiência, bem como a razão dos tratamentos físicos e sociais dados à pessoa deficiente no decorrer da história. Vimos que atualmente os deficientes estão conquistando um espaço que lhes foi subtraído ao longo de nossa existência. Iniciamos assim o entendimento das concepções de Educação Especial.

Discutir educação especial requer, a priori, um posicionamento de reflexão acerca das concepções e posicionamentos por meio dos quais irá analisar e discutir seu objeto de estudo (SILVA, 2001, p.189).

A inclusão de deficientes em sala de aula regular foi debatida exaustivamente, pois em 2004 foi divulgado pela Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, um documento oficial – que trazia idéias arrojadas e desafiadoras. Um dos aspectos desse documento, que foi popularizado como “cartilha”, era a inclusão no sistema regular de ensino, de qualquer pessoa deficiente independente de suas limitações.

Assistimos vídeos³ que demonstravam as batalhas da família e das pessoas deficientes em relação à inclusão, à acessibilidade aos serviços públicos e particulares, às dificuldades de permanência no sistema de ensino e às adaptações necessárias para o bem estar dessas pessoas.

Nos textos analisados encontramos várias idéias que nos auxiliaram a entender as atitudes que um educador e qualquer pessoa que convive com um deficiente deve ter para deixá-lo autônomo em suas necessidades e resoluções.

O olhar do professor é fundamental para o crescimento do aluno...
...alguém que nos diga: vai/vá, vem, vamos.
...temos que confiar na potência de nossos alunos (TRINDADE, 2001, p.13).

Essa confiança depositada na pessoa deficiente tem o poder de mostrar-lhe sua capacidade, movendo-o para conquistas dantes sequer visualizadas.

Outro texto que também me tocou foi escrito por Sadao Omote (1994). Ele descreve nossa reação frente a uma pessoa deficiente e demonstra a nossa responsabilidade em relação à percepção de suas possibilidades.

Em vez de circunscrever a deficiência nos limites corporais da pessoa deficiente, é necessário incluir as reações de outras pessoas como parte integrante e crucial do fenômeno, pois são essas reações que, em última instância, definem alguém como deficiente ou não deficiente (p.67).

Com essa idéia, Omote aponta a sociedade como audiência que identifica e define alguém como deficiente. Como parte de uma sociedade muitas vezes nos detemos somente nos aspectos físicos como delimitantes na capacidade do deficiente e esquecemos de observá-lo como um todo.

³ Vídeos: Victor o menino selvagem, Gabi uma história verdadeira, As borboletas de Zagorsky

Alguns deficientes são tratados como inválidos e passam em função disso a agir como tal, sem se dar conta das potencialidades que possuem.

No texto escrito por Onrubia (1998) podemos encontrar mais uma idéia de ação do educador e das pessoas que estão envolvidas com o ensino.

...a ajuda ajustada pressupõe desafios abordáveis para o aluno; abordáveis não tanto no sentido de que possa resolvê-los ou solucioná-los sozinho, mas de que possa enfrentá-los graças à combinação entre suas próprias possibilidades e os apoios e instrumentos recebidos do professor (p.125-126).

A idéia acima exposta demonstra a importância da "audiência" do educador, da compreensão e mediação dele em relação aos níveis de desenvolvimento e às necessidades especiais da pessoa deficiente, e também de qualquer indivíduo em transpor obstáculos utilizando-se de sua capacidade e do auxílio de outrem. Uma atividade coordenada facilita a superação permitindo que as pessoas conquistem níveis avançados de compreensão e resolução de aspectos complexos empregando com utilidade suas potencialidades.

As pessoas deficientes que desenvolvem nas relações sociais maior capacidade de utilizar signos têm mais chances de êxito em seu desenvolvimento cultural (DeCARLO, 1997, p.41).

Entendendo esse contexto passamos a valorizar as tentativas árduas dos deficientes e de seus familiares e colocamo-nos como participantes prontos a facilitar esse processo de inclusão dispondo às pessoas deficientes, plena participação de todo processo educacional, laboral, de lazer, bem como em atividades comunitárias e domésticas.

Outro aspecto importante que a disciplina me fez perceber se refere à expressão Pessoa com Necessidades Educacionais Especiais (PNEE). Essa terminologia PNEE não envolve somente a pessoa com deficiência, mas é aplicada a todas as pessoas que apresentam qualquer dificuldade em relação aos conteúdos escolares, destacando que cada pessoa tem um ritmo de processamento individual e esse ritmo deve ser levado em consideração para qualquer procedimento auxiliar.

Tendo clareza do significado dessa terminologia é possível assumirmos uma postura mais ousada que permite rever concepções e paradigmas.

Essas reflexões me fizeram entender ainda mais o nosso papel como integrantes de uma sociedade que se diz inclusiva, mas que precisa caminhar muito para não incluir e segregar ao mesmo tempo.

...mesmo nas situações em que os alunos são recebidos e permanecem (em salas de aula) eles podem ficar à margem dos acontecimentos e da seqüência de atividades da sala de aula (apesar das boas intenções dos professores), porque pouco de especial é feito em relação às características de sua diferença (GÓES, 2002, p.103).

As palavras de Góes revelam a responsabilidade que os educadores têm em exigir do sistema de ensino as condições essenciais que a legislação faculta para o desempenho pedagógico eficaz e, por que não dizer, o poder de conscientização da sociedade dos direitos que cada um faz jus.

Esse mecanismo reflexivo e de ação citado acima só acontece quando o educador pesquisa incansavelmente, tentando esclarecer suas dúvidas e foi com essa gana de estudar, refletir, analisar que iniciamos os trabalhos como APs.

TECENDO RELAÇÕES COM O CONHECIMENTO

O trabalho como Assistente Pedagógica (AP) envolveu vários aspectos que não são difíceis de exemplificar.

Iniciarei apontando alguns detalhes gerais e posteriormente específicos às disciplinas de Multiculturalismo e Diversidade Cultural e Educação Especial que estiveram vinculadas ao módulo de Políticas Públicas.

No início não era possível prever todos os detalhes que fariam a história desse projeto; à cada situação eram dispensadas várias horas de discussões e vários acertos foram necessários, os desencontros que existiam eram logo repensados pela equipe de coordenação.

A partir do momento que assumimos esse compromisso com a universidade, passamos a ter reuniões semanais com o orientador da disciplina que era oferecida no semestre vigente. Cada detalhe era previamente estudado e os imprevistos eram discutidos em consenso nessas reuniões. A periodicidade das reuniões foi diminuindo de acordo com os resultados positivos que obtínhamos.

Esse grandioso projeto nos proporcionou, como APs, uma riqueza de informações iniciais que foram muito importantes. Essas informações foram alimentadas com muita leitura e a cada semestre percorrido fazíamos uma avaliação processual que nos dava uma idéia das arestas existentes. Os conceitos teóricos aplicados nos estudos e discussões foram previamente estudados, discutidos e refletidos para que as articulações ficassem bem clarividentes.

As primeiras turmas tiveram vários momentos de dificuldades, pois o ambiente físico da própria universidade não estava preparado para receber um número de alunos tão grande ao mesmo tempo.

Os próprios coordenadores do projeto diziam que a universidade não tem em toda a sua história, um número de vagas tão significativo de uma só vez. A demanda é comprovadamente grande, mas a oferta sempre é menor que a realidade. Por esse motivo a Faculdade de Educação (FE) enfrentou tantos problemas.

Mesmo com atividades divididas em três pólos, um na Unicamp, um na cidade de Americana e o outro na cidade de Vinhedo, coube à coordenação da FE providenciar acomodações para várias salas, o prédio da FE não comportava mais quatro turmas diariamente, e, diante disso, a coordenação do projeto precisou lançar mão de salas vagas em outros prédios em outras faculdades dentro da própria universidade.

Sendo assim as turmas ficavam sem contato e também longe da secretaria do PROESF, que atendia no prédio da Faculdade de Educação.

Outro problema que advinha dessa situação era a falta de equipamentos para as aulas. Não eram todas as salas que tinham os equipamentos eletrônicos para suporte pedagógico. Era necessário um pré-agendamento para instalação e utilização e, mesmo assim, o número de equipamentos disponíveis não era suficiente. Esse problema se estendeu nos quatro primeiros semestres e só foi sanado quando a reitoria conseguiu, com o auxílio monetário da verba do projeto, adquirir equipamentos para as salas que eram utilizadas noutros prédios e com a mesma verba iniciou a construção de um novo prédio.

Citei esses problemas, pois isso interferia no preparo da dinâmica de cada aula. Essas situações não foram encontradas nos pólos, já que os municípios que sediavam as turmas comprometeram-se em equipar e preparar o espaço físico para recebê-las.

Meus trabalhos se iniciaram no dia primeiro de agosto de 2003, em três turmas, com a disciplina de Multiculturalismo e Diversidade Cultural. Essa disciplina foi muito bem recebida pelas alunas, pois os conteúdos que seriam discutidos eram pertinentes à vida pessoal e profissional de cada uma delas.

No primeiro encontro fiz o seguinte convite utilizando-me das palavras de TRINDADE (2000), "(...) antes de começarmos a nossa parceria, este diálogo, convido você educador (...) a fazer uma pausa e observar as pessoas à sua volta" (p.7). A partir daí a aula foi repleta de circunstâncias especiais, tivemos vários espaços de exposição verbal e individual onde cada aluna teve a oportunidade de exprimir o que sentia naquele momento.

Como as alunas mesmo comentaram, *“nós estamos juntas há uma semana, mas não tivemos momentos assim que permitissem que nos conhecêssemos”*.

Era perceptível a ansiedade, a insegurança, o medo do novo que elas demonstravam. A maioria das alunas trabalhava na área da educação há vários anos e lecionava o dia todo, algumas numa mesma unidade escolar outras em duas. O esforço para estarem nas aulas e demonstrarem afeição era visível.

Respeitando essas reações e sentimentos nós iniciamos as leituras dos textos que traziam idéias teóricas muito importantes para nossa reflexão.

Algumas situações em sala de aula traziam à tona com clareza a prática docente que as alunas exerciam, nas discussões diárias dos textos elas proferiam algumas palavras que demonstravam estar avaliando o trabalho prático do cotidiano.

A partir da leitura do exemplo de Trindade (2000) onde ela cita a atitude impensada de uma professora em situação de invisibilidade, isto é não levava em conta a diversidade racial que uma sala de aula apresenta e

fazia um mural de Natal com muitos anjinhos lourinhos. Quando alertada em relação aos anjos morenos, negros, ruivos (...) ela riu e disse que daquele jeito era mais fácil, só precisava recortar uma cartolina amarela...”

Como as alunas mesmo comentaram, *“nós estamos juntas há uma semana, mas não tivemos momentos assim que permitissem que nos conhecêssemos”*.

Era perceptível a ansiedade, a insegurança, o medo do novo que elas demonstravam. A maioria das alunas trabalhava na área da educação há vários anos e lecionava o dia todo, algumas numa mesma unidade escolar outras em duas. O esforço para estarem nas aulas e demonstrarem afeição era visível.

Respeitando essas reações e sentimentos nós iniciamos as leituras dos textos que traziam idéias teóricas muito importantes para nossa reflexão.

Algumas situações em sala de aula traziam à tona com clareza a prática docente que as alunas exerciam, nas discussões diárias dos textos elas proferiam algumas palavras que demonstravam estar avaliando o trabalho prático do cotidiano.

A partir da leitura do exemplo de Trindade (2000),

“uma professora fazia um mural de Natal com muitos anjinhos lourinhos. Quando alertada em relação aos anjos morenos, negros, ruivos (...) ela riu e disse que daquele jeito era mais fácil, só precisava recortar uma cartolina amarela...”

As alunas puderam refletir quantas vezes agiram de forma parecida como essa professora e não haviam feito uma análise tão minuciosa dos atos praticados despreziosamente.

Pudemos perceber que muitas vezes determinadas ações diferem de nossos discursos. Várias vezes algumas atitudes que consideramos práticas revelam comportamentos de invisibilização e/ou preconceitos. Os exemplos de comportamentos de invisibilização se dão quando os educadores, sem intenção de ignorar, não levam em consideração algumas reações e ou palavras que seus alunos demonstram. Com o estudo dessas situações apresentadas pelos textos lidos pudemos visualizar que inúmeras vezes enfrentamos essas situações e por desconhecer-las não agimos de forma a saná-las ou compreendê-las.

Na disciplina pontuamos algumas idéias de semelhança e diferença através de uma didática bem simples. Solicitei que procurassem numa revista

duas figuras humanas que fossem diferentes. Em grupos as alunas realizaram as atividades de pesquisa como as fotos indicam.



A princípio elas apresentaram dificuldades, pois não estabeleci um critério de diferença e elas tiveram que adotar um critério e justificar posteriormente para sala.

Com essa atividade pudemos revelar o que cada uma tinha cristalizado como conceito de diferente, e como esses conceitos interferiam em sala de aula com as crianças.

Os resultados foram muito interessantes e revelaram como nós estamos arraigados, aos padrões de normalidade e beleza estabelecidos pela sociedade e que, inconscientemente, estão impregnados em nossos atos.

A partir dessa análise tomamos consciência da necessidade de repensarmos nosso cotidiano, nossas pequenas ações e palavras, quando nos referimos às diferenças existentes em nossa sala de aula. Compreendemos que a palavra diferença abrange uma gama de significados, e vários deles estão presentes em sala de aula.

Um aspecto importante das diferenças é a cultura. Existem várias concepções, e, uma delas, é que cultura

(...) é a capacidade que os seres humanos têm (e só eles têm) de dar um significado às ações que praticam à realidade natural ou construída que os cerca (SILVA, 2001, p.5).

O que nós educadores temos que entender é que as crianças que estão em nossas salas de aula são partes de uma sociedade e também significam suas ações de formas diferentes, independentemente da idade, em alguns

momentos nos esquecemos dessa afirmação. Todas as pessoas convivem em sociedade, dentro de um grupo e cada grupo reage de forma diferente. É dessa forma que a cultura é mantida ou transformada.

A diversidade cultural deveria ser compreendida como fator favorável de enriquecimento curricular e os educadores poderiam estabelecer um diálogo entre o conhecimento a ser ensinado e a cultura dos alunos.

Essa dinâmica foi percebida pelas alunas de forma contundente, e elas conseguiram relacionar as dificuldades que têm em perceber a diversidade existente em sala de aula e, a partir dela, criar um ambiente que valorize as diferenças de pensamento, de cultura, de sentimentos, de aprendizagem e outras que existem e que são tão aparentes. Algumas alunas verbalizaram que *“lendo essas idéias parece fácil mudar, mas as mudanças são muito lentas”*.

Muitas situações conflituosas foram lembradas nas discussões e a riqueza de diversidade que encontramos em sala de aula é indiscutível. Cada criança demonstra em pequenos gestos o que apreendeu culturalmente em sua comunidade.

Encontramos durante as análises outros fatores percebidos em sala de aula que muitas vezes nós, educadores, não conseguimos articular de forma favorável. Um dos fatores apontados é a dificuldade de oferecer atividades atrativas, pois muitos educadores afirmam que a escola não tem atrativos que façam a criança ficar interessada em vir para a escola. Fora da escola as crianças têm muita coisa interessante para fazer, obter, participar.

Deduzimos que enquanto a escola deixar de lado a cultura da comunidade que está à sua volta, esse fator realmente vai continuar acontecendo.

Lembramos as sábias palavras de Brandão (1986) e acreditamos que esse seja o caminho mais acertado

(...) a Educação não pode ser pensada senão interagindo com o universo de conhecimento que a cerca e do qual ela faz parte, tal como a experiência que estamos vivendo neste encontro (...) (p. 64).

A idéia de Brandão trouxe nitidamente a relação que devemos construir para as crianças, pois nós educadores estávamos desenvolvendo conteúdos e conceitos importantes de forma significativa em nossas práticas do cotidiano.

Enquanto discutíamos os textos, formamos a idéia de que as pessoas com quem compartilhamos nosso dia-a-dia também precisam interagir e em alguns relatos divisamos que a equipe escolar - aqui compreendidos todos os funcionários que a escola têm em seu quadro funcional -, que adota a interação da comunidade efetivamente, atinge alto nível de parceria, respeito e valorização em relação aos trabalhos da escola como um todo.

Na unidade escolar que eu trabalho existe um conselho chamado Conselho Escola Comunidade (CEC) que compreende alguns membros entre eles: pais, professores, diretor, e funcionários auxiliares, os quais se reúnem quinzenalmente ou em situações emergenciais para resolver problemas e/ou discutir algo para melhorar a qualidade da escola.

Dessa forma a equipe escolar consegue entender as necessidades da comunidade, e a comunidade em contrapartida entende os objetivos da escola.

Nessa sintonia demonstramos o fenômeno da interação. Essa interação não é construída rápida nem parcialmente. Segundo Cavalcante (2000), "... nesse fenômeno de interação... o fato que nos parece mais curioso é do aproveitamento, no curso da vida de cada um" (p.199).

Com essa afirmação Cavalcante demonstra o valor da interação social na vida das pessoas e como esse fenômeno resulta positivamente na convivência dos indivíduos em determinados grupos, facilitando a compreensão dos diferentes pontos de vista e da responsabilidade dos diferentes papéis sociais que as pessoas desempenham.

Para que esse fenômeno ocorra todos nós precisamos rever nossa participação em sociedade e o valor que atribuímos à nossa cultura. Quando realizamos essa auto avaliação chegamos a questionamentos conflituosos que nos remetem a mudanças, muitas vezes mudanças de paradigmas.

Nesta disciplina nós tivemos a possibilidade de analisar o conceito de "paradigma" e pudemos relacionar as mudanças de conceito e posicionamento pessoal diante de vários aspectos.

A expressão "quebrar paradigmas" não é tão simples de ser entendida, pois requer análise das mudanças globais e dos acontecimentos a que somos constantemente submetidos. Essa análise seguida da compreensão dessas mudanças que atualmente acontecem numa velocidade muito rápida denota ao

indivíduo assumir e/ou reassumir posicionamentos que raramente haviam sido pensados..

Qualquer mudança proposta e não realizada na esfera educacional e em nosso cotidiano, tende a ser interpretada como resistência. Isso não exclui os educadores. Afirimo isso, pois o sistema educacional está em constante mutação, nós educadores estamos em constante aperfeiçoamento e alguns cursos de formação apresentam um turbilhão de informações que nos chegam de forma impositiva, pois o “sistema” impõe determinadas idéias e nós não temos tempo para discutir, compreender, ressignificar. Nesses momentos os educadores são interpretados como resistentes a mudanças.

O curso PROESF nos trouxe várias idéias, vários momentos reflexivos, as discussões realizadas a partir dos conceitos teóricos elucidavam e nos faziam interpretar várias situações do cotidiano que antes não nos eram claras.

Tive a oportunidade de observar e acompanhar algumas alunas no primeiro e no último semestre do curso com disciplinas diferentes, foi notória a mudança e a construção de novos conceitos e as diversas interpretações que realizavam ao término do curso.

Em relação à nossa disciplina isso se deve aos momentos de leitura, discussão, análises de vídeos, registros.

Na disciplina de Educação Especial foi tudo muito interessante. Como já disse anteriormente a proposta para a disciplina foi pensada em equipe, preparada com muita antecedência o que nos dava maior segurança no conteúdo, nos objetivos e conceitos. A orientação ficava a cargo da Prof^a. Ana Maria Torezan que sempre nos deixava muito tranquilas do que deveria ser realizado.

As alunas chegaram com muitas expectativas e demonstravam desejo ardente de conhecimento, esclarecimentos, embasamento teórico.

Iniciamos a disciplina apresentando a ementa e a partir daí realizamos uma dinâmica de vivências que exigia que as alunas se colocassem no lugar de uma pessoa com deficiência e desempenhassem a atividade proposta considerando a dificuldade existente no quadro do deficiente descrito. O relatório da atividade realizada e o desempenho da aluna que vivenciava um “deficiente”, deixou claro que nós não temos idéia das dificuldades que as Pessoas com

Necessidades Especiais (PNE) enfrentam, proporcionando-nos uma reflexão dos conceitos que temos dessas pessoas.



Aluna do PROESF vivenciando a atividade proposta. (2007)

O resultado dessa dinâmica foi surpreendente, pois várias alunas disseram que já estavam começando a entender que precisavam mudar o olhar para o “aluno deficiente” que estava em sua sala de aula.

A disciplina trouxe no decorrer dos estudos outros momentos importantes. Análises de textos que nos apresentavam a história da Educação Especial e as concepções das épocas. Essa abordagem oportunizou-nos a compreensão do movimento de inclusão, pois todos os educadores que estavam na sala de aula naquele momento criticavam como ocorre a inclusão hoje.

Não estou defendendo aqui a inclusão de qualquer maneira, mas a inclusão com responsabilidade. Quando digo inclusão com responsabilidade quero dizer que todas as pessoas da sociedade, incluindo principalmente as instâncias municipais, estaduais e federais, têm uma parcela de dever e comprometimento para com as pessoas deficientes.

A família tem uma função importantíssima de compreender o deficiente, apoiá-lo para que vença os obstáculos iniciais e acompanhá-lo em tudo o que for necessário; a escola também tem função imprescindível para com o deficiente, que é torná-lo consciente de seus direitos e deveres enquanto cidadão e oferecer-lhe subsídios para que participe ativamente das informações que o mundo oferece.

Sendo assim cabe à equipe escolar entender que seu papel com o deficiente é estritamente pedagógico. A pessoa com deficiência tem direito

garantido pela legislação de ser matriculado, obter condições de permanência e conclusão numa rede de ensino regular.

O deficiente tem direito de optar pelo curso que desejar de acordo com as possibilidades de acesso que possui, seguindo os critérios que todos seguem. Ele tem também o direito de adaptações curriculares, de acessibilidade, de comunicações alternativas para poder permanecer em sala e na escola. Nesse aspecto foi unânime a reclamação das educadoras de que não têm subsídios técnicos e pedagógicos para atuarem com crianças deficientes.

Todos esses fatores vieram à tona nas discussões durante as aulas que tivemos e nos alertaram para a legislação existente que contempla vários aspectos que não são cumpridos por várias instâncias, deixando assim o professor num estado de desespero e com a sensação de abandono que parece desgastá-lo ainda mais.

A sociedade como um todo também tem uma parcela de responsabilidade para com o deficiente. Em várias situações comentadas em sala, pudemos observar o descaso da política que se diz "inclusiva", como as pessoas rejeitam algumas deficiências, como os deficientes são relegados ao esquecimento e, por que não dizer, em alguns momentos relegados à própria sorte.

Analisamos algumas situações reais de familiares solicitando vaga para a criança ou adolescente deficientes em escola pública regular, e alguns gestores criando desculpas para negar a vaga. Para entendermos o grau dessa ação de não atendimento recorreremos à legislação vigente e descobrimos que no Estatuto da Pessoa com Deficiência (2006) no Art.99 consta que

Recusar, suspender, procrastinar ou cancelar matrícula, ou dificultar a permanência de aluno em estabelecimento de ensino, público ou privado, em qualquer curso ou nível, em razão de sua condição de pessoa com deficiência: Pena – reclusão de dois a quatro anos, e multa (p.37)

A partir da análise desse artigo relacionado ao comportamento das pessoas deficientes em situações reais assistidas em vídeos, as alunas começaram a entender que a inclusão é um direito garantido ao deficiente e que a direção do movimento é no sentido de buscar subsídios para que ela aconteça de

forma favorável ao mesmo e não continuar afirmando que “*não estamos preparados para a inclusão*”

Entendemos que a inclusão hoje acontece de uma forma não desejável, mas entendemos também que os deficientes não podem esperar mais para exercerem seus papéis como cidadãos. As perguntas que nos vieram são: Quando estarei preparada para a inclusão? É somente em relação à inclusão que não tenho formação? O que fazer com os deficientes enquanto essa formação não nos é oferecida pelo sistema?

As respostas a essas perguntas surgiram no decorrer dos estudos durante o semestre, outros questionamentos ocorreram alguns com respostas plausíveis outros não.

O vídeo “Victor o menino selvagem”, apresenta a história de um menino que foi encontrado na mata vivendo como um selvagem e foi levado para a civilização, passando por várias situações cruéis até que o Dr. Itard se interessa por sua socialização. Observamos nesse vídeo crueldades praticadas no século XVIII por pessoas preconceituosas que nos pareciam desumanas, e chegamos à conclusão que muitas vezes, em menor grau, crueldades assim ainda são praticadas até os dias de hoje.

Essa afirmação é fundamentada analisando os diagnósticos realizados por Dr. Pinel que apresentavam o menino Victor como um “Imbecil” e que o reduziam a um animal, percebemos que hoje não são verbalizados exatamente com essas expressões, mas ficam bem próximos nos procedimentos e discursos de alguns educadores quando, sem recursos, abandonam o aluno deficiente num canto ou para socializar-se com os demais, como se não fosse capaz de desempenhar as funções cognitivas - as vezes não são mesmo – um aluno com deficiência mental profunda não consegue, mas não podemos generalizar. Alguns educadores parecem não se preocupar com questões éticas em seus comentários quando apresentam uma criança deficiente aos seus colegas de trabalho, utilizando jargões que se referem ao deficiente por exemplo como “*sabe aquele que tem Down*”, e assim por diante.

Estas reflexões da ação prática do cotidiano nos deixavam angustiadas e com vontade de rever todos os atos impensados praticados até então.

Outro vídeo que nos impressionou foi “Gabi, uma história verdadeira”. Através dessa história que aparentemente poderia ser interpretada como trágica, vimos exemplos de superação de uma criança que nasceu com paralisia cerebral, que enfrentou situações conflituosas até mesmo dentro de sua casa, mas foi compreendida por uma “empregada” da família que desvelou o mundo para Gabi e junto com ela.

Esse vídeo mostrou-nos novamente as dificuldades que os familiares encontram para “incluir” um filho deficiente numa escola regular, que todos sabemos que é direito constitucional. Durante a análise dessa história, pude atentar para a mudança na maneira de pensar sobre as deficiências que as alunas apresentaram nas discussões. E a cada enfrentamento de idéias eu saía mais animada em poder compartilhar dessas mudanças.

As situações difíceis que Gabi e a família enfrentaram, e que nós havíamos discutido incansavelmente em nossas aulas do PROESF e embasadas em conceitos teóricos, nas análises dos artigos legais que nos deixam claros as competências dos órgãos municipais, estaduais e federais nosso entendimento sobre o movimento de inclusão foi tomando uma dimensão consciente.

A cada dia adquiríamos conhecimentos diferentes que se complementavam e nos deixavam mais seguros de nossas ações e reivindicações.

Como sabemos da dificuldade de formação pedagógica específica para os educadores em relação às deficiências, convidamos várias pessoas envolvidas no trabalho pedagógico com deficientes para apresentarem algumas alternativas de material didático e procedimentos pedagógicos.

A palestra apresentada por Tânia Iovino que é coordenadora do Centro de Prevenção à Cegueira (CPC) órgão mantido pelo Lions de Americana/SP abordou doenças congênitas e adquiridas que deixam a pessoa Deficiência Visual (DV). Ela demonstrou vários trabalhos realizados com bebês para estimulação visual, diversos materiais pedagógicos que são utilizados por educadores para as crianças que estão inclusas na rede municipal e estadual de Americana, apresentou também algumas situações práticas de atividades de vida diária (AVD) que algumas pessoas reaprendem quando ficam “cegas” depois de adultas.

Alunas do PROESF participando da palestra de Tânia Iovino e manuseando material adaptado para DV.



Outro encontro realizado sob a responsabilidade de uma Terapeuta Ocupacional da APAE de Sumaré/SP tratou sobre o tema Comunicação Alternativa para pessoas com Paralisia Cerebral. Ela mostrou inúmeras atividades práticas realizadas com pessoas comprometidas severamente para entendermos que existem vários meios para facilitar a vida de uma pessoa que sofre com esse quadro clínico.

É claro que o atendimento nas APAE's é diferente do atendimento dispensado aos alunos em sala de aula regular, mas essa palestra nos auxiliou até mesmo para entendermos como a inclusão que acontece hoje ainda é branda, podemos afirmar isso a partir dos relatos de casos que as alunas realizaram no semestre que demonstram que o grau de comprometimento das crianças inclusas é bem menor que os vistos na palestra.

Abaixo exponho alguns materiais adaptados para possibilitar a comunicação e suas descrições.

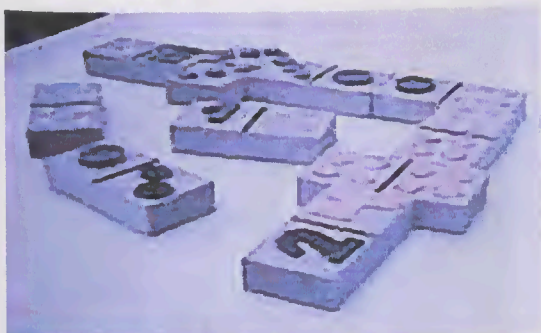


Figura 1 (acima)

Descrição:

Dominó confeccionado em madeira com aplicação de material emborrachado (EVA).

Adaptação: Cláudia Cristina da Silva

Fonte: Laboratório de Educação Especial "Prof. Ernani Vidon", Unesp, Marília, SP.



Figura 2 (acima): A prancha pode ser colocada num suporte de madeira para facilitar o campo visual do aluno e a indicação da figura selecionada pode ser feita com o dedo indicador.

Adaptação: Débora Deliberato & Eduardo José Manzini



Figura 3: A seleção do estímulo disposto na carteira é feita com o apontar da língua para a figura, que é indicada pela professora para confirmar a escolha.

Fonte: Centro de Estudo de Educação e Saúde, Unesp - Campus de Marília. Escola Estadual "Bento de Abreu Sampaio Vidal", Marília, SP.



Figura 4: Aluna seleciona a figura utilizando o olhar

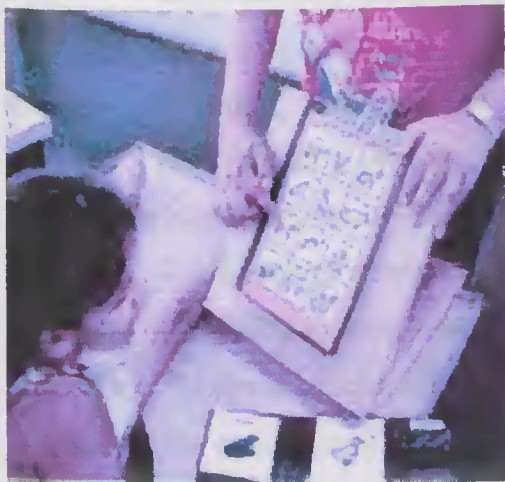


Figura 5: Em outra situação, ela responde com um sorriso quando a professora seleciona a figura por meio do sistema de varredura de linhas ou colunas da prancha temática.

Adaptação: Débora Deliberato & Eduardo José Manzini

Fonte: Centro de Estudo de Educação e Saúde, Unesp - Campus de Marília. Escola Estadual "Bento de Abreu Sampaio Vidal", Marília, SP

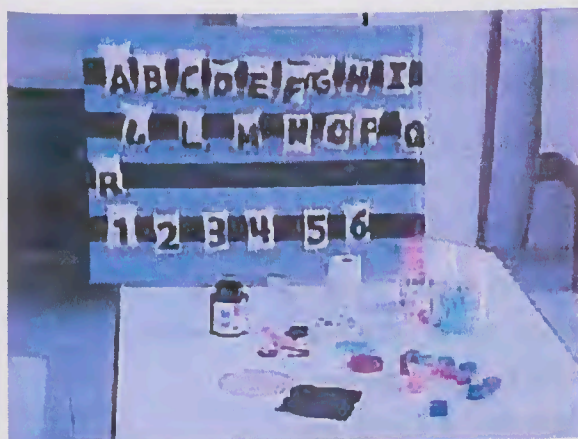


Figura 6 e 7

Descrição:

O Recurso é confeccionado com lâmina de compensado, forrado com placas de espuma fina e encapado com tecido emborrachado. Uma faixa de velcro permite grudar saquinhos cheios de areia ou arroz. Nesses saquinhos são colados numerais, letras ou formas geométricas. O quadro mede 70 cm de comprimento por 50 cm de largura. Esse tamanho pode ser ajustável à necessidade do aluno.

Adaptação: Miralva S. Santos Barreto e Maria Carmen Fidalgo Santos.

Fonte: Centro de Reabilitação e Prevenção de Deficiência, Obras Sociais Irmã Dulce, Salvador, Bahia.



Um dos exemplos que Elenice utilizou em vídeo foi uma aula de culinária onde um grupo de crianças na idade pré-escolar realizava uma vitamina de frutas, cada criança participava da forma que lhe era possível, algumas tão comprometidas participavam apenas com “gemidos” que demonstravam excitação e desejo em participar.

Foi possível observarmos o trabalho real aplicado nesse grupo de crianças e as dificuldades que os especialistas encontram no decorrer das atividades. Essas dificuldades são enfrentadas por nós educadores diariamente em diferentes proporções de acordo com as situações que surgem em sala de aula.

Essas apresentações proporcionaram às alunas e a mim, momentos de descoberta que permitiram conhecermos materiais existentes e que não são divulgados no meio educacional com tanta facilidade.

Nas avaliações finais pude constatar a satisfação das alunas e relatarei algumas expressões que utilizaram para demonstrar:

Hoje me sinto enriquecida com todas as informações teóricas e práticas que a disciplina de Educação Especial proporcionou. Foram muitas as contribuições: tanto em sala de aula com a AP Silvia que conduziu as aulas com coerência, sabedoria e discernimento; quanto nos filmes e palestras que as aulas magnas trouxeram. Todas as referências abriram possibilidades de pesquisa. Laura Maria, jul/2008.

Foi de suma importância os estudos da disciplina de Educação Especial, aprendi olhar as deficiências sob outro prisma. Fernanda Aparecida, jul/2008.

Essa disciplina me oportunizou a apresentação a muitas coisas por mim desconhecidas como instrumentos, aparelhos, recursos que possibilitam e visam facilitar a vida do aluno com necessidades especiais. Os filmes, as aulas, os textos, ou seja todas as proposições voltadas para a aula de Educação Especial clarearam minhas concepções iniciais, rompendo medos, insegurança, oferecendo respeito, apoio, superação e possibilidade de formar uma sociedade igualitária, inclusiva. Grasielle, jul/2008.

Poderia relatar outros comentários, mas acredito que esses são suficientes para perceber que o trabalho desses conteúdos teóricos foi articulado de tal forma a permitir contribuições para ampliar o repertório das alunas do PROESF.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

... o fazer e o refletir sobre este fazer tem sido, no dizer dos bons professores, um mecanismo fundamental para delinear seu desempenho docente (CUNHA, 1998, p.31).

É através da reflexão que os professores iniciam o processo de auto avaliação para reavaliar seus conceitos e modos de proceder e foi exatamente assim que as alunas puderam durante Curso de Pedagogia do PROESF construir relações entre a prática do cotidiano e os conteúdos teóricos que embasam essa prática.

No curso de Especialização no qual fui incluída, obtive momentos preciosos que me permitiram reavaliar os conceitos que construí durante o percurso de formação de minha identidade e durante o percurso profissional até então assumido.

Atribuo a oportunidade de atuação com AP como um “presente” para minha formação, pois através do contato com outros educadores que apresentam diversas situações conflituosas, diversas maneiras de resolver essas situações, pude conhecer outras realizadas por mim nunca presenciadas.

Através das aulas tive a possibilidade de revalidar a credibilidade que a “educação” deve ter em nossas mentes, pois se nós educadores não acreditarmos que a educação é importante e que deve ser parte constituinte da sociedade nada terá sentido nem valor.

Em relação à Educação Especial essa afirmativa não é diferente, pois nós educadores sentimos no dia-a-dia as dificuldades reais da inclusão de qualquer maneira e cabe a nós mesmos mostrarmos à sociedade incluindo todas as instâncias, dos recursos que são necessários para que ocorra um movimento de “inclusão com responsabilidade”.

Deixo inscrito nesse memorial o caminho que percorri nesse aprendizado e destaco as palavras de Bosi (1991) para encerrá-lo:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Sobre o tempo e a eternidade**. SP: Papyrus, 1999.

BANYAI, Stvan. **Zoom**. Edition Circonflexe, 1998.

BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira: temas e situações**. SP: Editora Ática, 1995.

BRANDÃO, C.R. **A educação como cultura**. SP: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa, 1ª a 4ª séries**. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares/ Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1999

CARVALHO, Rosita Edler, CRAIDY, Carmem M. (Org.). **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTE, Jornal Literário, 1997.

COLL, in César (org.) **O construtivismo na sala de aula**. "A avaliação da aprendizagem no currículo escolar: uma perspectiva construtivista". SP: Ática, 1999.

CUNHA, Maria Isabel. **O professor Universitário na transição de paradigma**, J.M: 1998, cap.8.

DeCARLO, Marysia M.; R. do Prado. **Por detrás dos muros de uma instituição asilar** – um estudo sobre o desenvolvimento humano

comprometido pela deficiência. Tese de doutorado FE, UNICAMP, CAMPINAS, 1997.

FAZENDA, Ivani C. **A Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**, Campinas, SP: Papyrus, 1994.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, SP: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GIESTA, Nágila C. **Cotidiano escolar e formação reflexiva do professor: moda ou valorização do saber docente?**, 1ª. Edição. Araraquara: JM Editora, 2001.

GIMENO, apud **Avaliação na escola de 1º. Grau: uma análise sociológica**/ Menga Ludke e Zeila Mediano, coordenadoras – Campinas, SP: Papyrus, 1992.

GÓES, M. C. R. e LAPLANE, A. L. F. DE (Orgs) **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva**, Autores Associados, Campinas, 2002.

GUSMÃO, Neusa. **Linguagem, cultura e alteridade: a imagem do outro**. Cadernos de Pesquisa, SP: Fundação Carlos Chagas, nº.107, 1999.

KRUPPA, S.M.P. As linguagens da cidadania. In SILVA, Shirley e VIZIM, Marli (orgs.) **Educação Especial: múltiplas leituras e diferentes significados**. Campinas, SP: Mercado das letras: Associação de Leitura do Brasil –ALB, 2001.

LEONTIEV, Alexei. **Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar**, In: VYGOTSKY, L.S.; LURIA, A. R., **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. SP.: Ícone, 2001.

OMOTE, Sadao. Deficiência e não deficiência: recortes do mesmo tecido. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Vol I, nº 2, 1994.

OMOTE, Sadao. Perspectivas para a conceituação de deficiências. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Vol II, nº 4, 1996.

ONRUBIA, J. **Ensinar: criar zonas de desenvolvimento proximal e nelas intervir**. In Coll, C. e outros O construtivismo na sala de aula. SP: Ed. Ática, 1998.

PAIN, Paulo. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. PR: 2006.

SCHAFFEL, Sarita Lea. **A identidade profissional em questão**. RJ: 1999, cap. 6.

SILVA, Shirley e VIZIM, Marli (orgs.) **Educação Especial: múltiplas leituras e diferentes significados**. Campinas, SP: Mercado das letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 2001.

TRINDADE, Azoilda, **Multiculturalismo: mil e uma faces da escola**. RJ: DP&A, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovich, **Psicologia Pedagógica**. SP: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, Lev Semenovich, **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6ª. Ed. SP: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev Semenovich, LURIA, A. R., LEONTIEV, A. N; **Linguagem desenvolvimento e aprendizagem** (tradução Maria da Penha Villalobos) – SP: Ícone, 2001.

ZABALA, Antoni. **A Prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Miséria, **TITÃS**. Volume Dois, faixa 11, WEA. Cd-rom.

As borboletas de Zagorski – Rússia. 59'39"

Gabi uma história verdadeira – Direção Luiz Mandaki. EUA. México. G. Brimmer Productions, Tristar Pictures. 1987. 110min.. l/m., color.

Victor o menino selvagem – Direção: François Truffaut. França. MGM. 1969. 82min. Son., p/b., 1 disco de 1 lado.